



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO**

LUAN VICTOR RAMALHO ROLIM

**A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE O NORDESTE: UMA
REFLEXÃO SOBRE OS LIMITES DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 7º
ANO E O CONTEXTO ATUAL DO NORDESTE**

**CAJAZEIRAS - PB
2025**

LUAN VICTOR RAMALHO ROLIM

**A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE O NORDESTE: UMA
REFLEXÃO SOBRE OS LIMITES DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 7º
ANO E O CONTEXTO ATUAL DO NORDESTE**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof^a. Dra. Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa

Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa

**CAJAZEIRAS- PB
2025**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

R748i	Rolim, Luan Victor Ramalho.. A influência do imaginário social sobre o nordeste: uma reflexão sobre os limites do livro didático de geografia do 7º ano e o contexto atual do nordeste. / Luan Victor Ramalho Rolim. - Cajazeiras, 2025. 57f. : il. color. Bibliografia. Orientadora: Profa. Dra. Raimunda Aurília Ferreira de Sousa. Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP/2025. 1. Geografia regional. 2. Ensino de geografia - região nordeste. 3. Livro didático de geografia. 4. Geografia- ensino fundamental- Cajazeiras- Município - Paraíba. I. Sousa, Raimunda Aurília Ferreira de. II. Título. UFCG/CFP/BS CDU – 913(812/813)
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

LUAN VICTOR RAMALHO ROLIM

**A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE O NORDESTE: UMA
REFLEXÃO SOBRE OS LIMITES DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO
7º ANO E O CONTEXTO ATUAL DO NORDESTE**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa

Coorientador: Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa

Aprovado em 30 / 04 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 RAIMUNDA AURILIA FERREIRA DE SOUSA
Data: 07/05/2025 14:19:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Documento assinado digitalmente
 DAVID LUIZ RODRIGUES DE ALMEIDA
Data: 08/05/2025 14:05:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. David Luiz Rodrigues de Almeida (Avaliador interno)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Documento assinado digitalmente
 CARLOS DE OLIVEIRA BISPO
Data: 08/05/2025 10:08:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos de Oliveira Bispo (Avaliador Externo)
Universidade Federal de Sergipe - UFS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado força e ânimo para chegar até essa etapa, independente da demora sou grato por tudo. A jornada foi longa e difícil, porém a força de vontade foi maior, ficando o aprendizado de que cada um vai ter seu tempo e que está tudo bem.

À minha família, mãe Laureni, minha avó Josefa Ana, ao meu irmão Lucas, à minha falecida tia e ao meu falecido avô, que desde sempre foram minha base, dando todo apoio possível para que eu pudesse me dedicar aos estudos e proporcionando correr atrás dos meus objetivos.

Aos meus amigos, que sempre deram suporte nas dificuldades que vinham surgindo na vida, sempre dispostos a ajudarem e dando ânimo nos dias difíceis, no meio desses amigos sou grato também aos meus irmãos da Frae Moto Grupo.

Aos colegas de turma, conhecidos como “Geo Mundiça”. Pense em uma turma boa! Obrigado, turma, por terem tornado essa jornada universitária uma fase de boas memórias e de muito aprendizado.

Aos colegas que conheci no final do curso, sendo um período difícil, já que eu não estava com minha turma de início, foram pessoas que ajudaram a não desanimar e deram muito apoio.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa, e ao meu coorientador, o professor Rodrigo Bezerra, agradeço a ambos por todo apoio, disposição, paciência e compreensão pelas dificuldades que surgiram na caminhada acadêmica, principalmente nessa fase final.

Aos professores do curso de Geografia, campus Cajazeiras-PB, grato pelos conhecimentos transmitidos e pelas experiências vivenciadas na universidade.

E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam". (João 1:5)

RESUMO

Os primeiros conhecimentos sobre o mundo e suas diversidades iniciam na escola. Desse modo, é também muito importante que os alunos conheçam bem sobre a região na qual residem. Sendo assim, o ensino das Regiões brasileiras em Geografia no ensino fundamental anos finais é de grande importância para a formação dos alunos, de forma que ajuda na construção crítica, social, econômica, política e cultural sobre as regiões. Para tanto objetivou-se, mediante esse trabalho, analisar o livro didático de Geografia do 7º ano do ensino fundamental da cidade de Cajazeiras-PB, com enfoque para conteúdos sobre a Região Nordeste. Os livros didáticos de Geografia analisados foram, Geografia: espaço e interação dos autores Marcelo Moraes, Denise Pinesso e Angela Rama, editora FTD, ano de edição 2022 e o livro Expedições Geográficas dos autores Melhem Adas e Sergio Adas, editora MODERNA com o ano de edição 2022. A escolha dos livros didáticos se deu por serem utilizados em ambas escolas onde ocorreram os estágios supervisionados durante a formação. Primeiramente, foi executado um levantamento bibliográfico e, logo em seguida, foi realizada uma pesquisa com foco em notícias divulgadas por portais de notícias, com o objetivo de coletar dados que serviram tanto como base para a discussão da problemática apresentada, como também ferramenta de ensino e aprendizado para o professor trabalhar uma região mais próxima e presente no cotidiano dos alunos. A análise do livro didático foi efetuada com foco na Região Nordeste, onde foi utilizada uma tabela de avaliação para os dados coletados. Os resultados obtidos na pesquisa, tais como análise da quantidade de páginas e mapas, dados atualizados, atividades individuais e em grupos, entre demais critérios, foram apresentados e discutidos, levando em consideração a abordagem da temática na literatura. Os dois livros didáticos de Geografia analisados estão aptos para serem utilizados como um recurso de ensino e aprendizagem. Conclui-se que o livro didático ainda que possa ser utilizado como recurso, necessita de um olhar mais analítico no processo seletivo para o livro didático de Geografia, sendo que a falta de conteúdos mais detalhados influencia no imaginário social.

Palavras-chave: Região; Cotidiano; Aprendizado; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The first knowledge about the world and its diversities begins at school. Thus, it is also very important that students know well about the region in which they live. Therefore, the teaching of the Brazilian Regions in Geography in elementary school final years is of great importance for the formation of students, in a way that helps in the critical, social, economic, political and cultural construction of the regions. To this end, the objective of this work was to analyze the Geography textbook of the 7th grade of elementary school in the city of Cajazeiras-PB, focusing on contents about the Northeast Region. The Geography textbooks analyzed were, Geography: space and interaction by authors Marcelo Morais, Denise Pinesso and Angela Rama, publisher FTD, edition year 2022 and the book Geographical Expeditions by authors Melhem Adas and Sergio Adas, publisher MODERNA with the edition year 2022. The choice of textbooks was due to the fact that they were used in both schools where the supervised internships took place during the training. First, a bibliographic survey was carried out and, soon after, a research was carried out focusing on news disseminated by news portals, with the objective of collecting data that served both as a basis for the discussion of the problem presented, as well as a teaching and learning tool for the teacher to work in a region closer and more present in the daily lives of students. The analysis of the textbook was carried out with a focus on the Northeast Region, where an evaluation table was used for the data collected. The results obtained in the research, such as analysis of the number of pages and maps, updated data, individual and group activities, among other criteria, were presented and discussed, taking into account the approach to the theme in the literature. The two Geography textbooks analyzed are able to be used as a teaching and learning resource. It is concluded that the textbook, although it can be used as a resource, needs a more analytical look at the selection process for the Geography textbook, and the lack of more detailed content influences the social imaginary.

Keywords :Region ; Everyday; Learning; Geography Teaching .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa político do Nordeste	27
Figura 2: Notícia do portal Metrôpoles. Enem 2023: Nordeste lidera o ranking das redações nota mil. (2024)	33
Figura 3: Notícia do Portal Metrôpoles - Possibilidade do Nordeste ser polo de transição energética	34
Figura 4: Sertão de Pernambuco possui o segundo maior telescópio do país	35
Figura 5: Região Nordeste já acumula 40 mil novos postos de trabalho gerados em 2023	36
Figura 6: Nordeste é a região favorita para turismo em 2025	37
Figura 7: Livros didáticos analisados	41
Figura 8: Mapa de localização do Município de Cajazeiras	42
Figura 9: Número de figuras e imagens referentes à região Nordeste	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Livros didáticos analisados	42
Quadro 2: Ficha de avaliação dos livros didáticos de Geografia referente à Região Nordeste	43
Quadro 3: Número de páginas avaliadas nos livros didáticos	45
Quadro 4: Número de mapas dos livros didáticos analisados	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ENSINO DA GEOGRAFIA, COTIDIANO E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL	14
2.1 A Geografia e o Cotidiano	14
2.2 A Escola e o Imaginário Social	20
2.3 A Importância do Professor de Geografia na Formação da Concepção Socioespacial	23
3. O SERTÃO E O NORDESTE	27
3.1 Visão Social do Nordeste	27
4. ANÁLISE ACERCA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA	38
5. METODOLOGIA DA PESQUISA	40
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
8. REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O estudo das regiões brasileiras possui grande importância para a compreensão do processo social e natural do Brasil. Sendo necessário uma abordagem multidimensional e construtiva para a formação de uma realidade justa e consciente. O nordeste brasileiro possui uma rica oportunidade de aprendizado, contribuições históricas e uma rica diversidade cultural. O conhecimento amplo permite que professores e alunos rompam com os estigmas criados pelo imaginário social negativo existente na região Nordeste e alcancem um conhecimento mais completo da sua identidade. Segundo Bernades (2007, p.43), “As imagens sociais do Nordeste, inclusive veiculadas pelas grandes emissoras de televisão, estão ligadas ao chamado coronelismo, ao cangaceirismo e à persistência de formas *arcaicas* de relações sociais, situadas no universo do pré-capitalismo”.

Considerando o exposto, essa pesquisa surgiu através de observações presentes realizadas durante os estágios supervisionados obrigatórios do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus de Cajazeiras. O estágio supervisionado é muito importante na formação profissional do acadêmico, é a partir dele que o licenciando vai tendo seu primeiro contato como docente em sala de aula; a partir disso, se pode observar e analisar quais metodologias e técnicas melhor se adequam ao ensino. Também é no estágio que o licenciado tem a oportunidade de ministrar aulas e fazer uma análise sobre os conteúdos e a forma na qual eles são abordados nos materiais didáticos.

Durante os estágios supervisionados, foi possível vivenciar um certo desinteresse da parte dos alunos em relação a grande parte dos conteúdos trabalhados na disciplina de Geografia; entre esses conteúdos o que chamou mais atenção foi as Regiões brasileiras, tornando-se nítido um desinteresse maior ainda na Região Nordeste.

Para grande parte dos alunos, a Região Nordeste era definida/representada por fome e seca, sendo necessário um debate mais amplo e atual nas aulas sobre pontos positivos da região. Isso se dá, muitas vezes, pelo que é absorvido, seja no seio dos seus lares, por meio de relatos familiares, ou a influência midiática como novelas, filmes, seriados e até mesmo noticiários, que configuram a região Nordeste como sendo sinônimo de terra seca, sem vida, a qual é subjugada como uma região onde há apenas fome.

Entretanto, essas afirmações pré-estabelecidas não estão limitadas apenas aos lares, mas também ao que é ministrado nas escolas, a própria sala de aula, resultando diretamente na visão social do Nordeste.

Destacamos que, o conteúdo presente nos livros didáticos é algo distante do cotidiano dos alunos, o que acaba resultando em um maior desinteresse na disciplina, quando na verdade o cotidiano deveria se tornar uma ferramenta do ensino e aprendizado, auxiliando, assim também, em uma nova visão social. Isso gera uma realidade onde uma gama de alunos não enxerga a Geografia como uma disciplina ampla, importante e interessante. Sendo que a influência do imaginário social, e a depender da metodologia aplicada pelo profissional docente na sala de aula, resulta em uma Geografia voltada apenas para memorização.

Em virtude disso, surge o questionamento de como o imaginário social influencia e permanece em relação aos conteúdos geográficos. Nessa pesquisa, busca-se identificar as abordagens associadas ao conteúdo que se refere à região Nordeste. Para mais, houve a necessidade de analisar como o livro didático aborda determinado conteúdo, e como esse conteúdo está sendo proposto para o aprendizado do discente.

O ensino das Regiões Brasileiras no ensino fundamental, anos finais, é de grande importância para a formação dos alunos, sendo que influencia principalmente na questão social, cultural e política, contribuindo, dessa forma, para uma visão crítica, e gerando significância para formar cidadãos colaborativos para uma transformação social. A Região Nordeste é imaginada socialmente e coletivamente como uma das regiões mais pobres e sem recursos do país. Mesmo sendo uma era conhecida como da informação, fortemente permanece o preconceito e a falta de informação nos dias atuais, sendo esse imaginário social responsável de influenciar negativamente até mesmo os cidadãos da região, colocando-os em um cenário definido como atrasado e difícil de ocorrer mudanças.

Dessa maneira, para a presente pesquisa, estabelecemos como objetivo geral analisar os livros didáticos de Geografia do 7º ano do Ensino Fundamental, com enfoque na Região Nordeste, em duas escolas públicas da cidade de Cajazeiras- PB, cuja metodologia para análise do livro foi utilizada uma tabela com critérios a serem avaliados. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017), o estudo da Região “associa-se ao princípio da espacialidade diferencial dos processos sociais e naturais. Assim, a região se estabelece a partir de um conjunto de elementos

políticos, econômicos, culturais e naturais necessários à diferenciação de determinados espaços em diferentes lugares”.

Definimos também os seguintes objetivos específicos: Discutir o conceito de cotidiano e imaginário social e sua relação com a educação; investigar em portais de notícias acontecimentos que contribuam de forma positiva e que possam ser utilizadas ao ensino da região; e, por último, analisar como o livro didático de Geografia aborda a região Nordeste.

Apresentamos a seguinte estrutura do trabalho: Nessa introdução, relatam-se algumas considerações sobre a pesquisa, tendo como finalidade esclarecer e nortear o desenvolvimento do trabalho, relatando o motivo da pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a importância de determinado tema, metodologia e local onde foi delimitada a pesquisa. No segundo capítulo, buscou-se explicar os fundamentos teóricos sobre o conceito de cotidiano e imaginário social, sua influência na Geografia, escola e na sociedade.

No terceiro capítulo, apresentou-se dados e divulgação de portais de notícias, nos quais constam informações e fatos que abordam pontos e perspectivas positivas da região Nordeste, dados esses que, raramente, são divulgados em nível nacional e que podem ser associados com o ensino na sala de aula. No quarto capítulo, realizou-se a análise dos livros didáticos de Geografia, com foco principal nos conteúdos da região Nordeste, no qual é apresentada a metodologia e as análises e discussões da pesquisa. No quinto e último capítulo, apresentam-se as considerações finais sobre a temática, com o propósito de trazer contribuições para essa temática.

2 ENSINO DA GEOGRAFIA, COTIDIANO E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL

2.1 A Geografia e o Cotidiano

Aprender um pouco da imensidão da história da Geografia se faz necessário para entender sua importância no nosso cotidiano. Muito se pensa que a Geografia possui sua história a partir do século XIX, que é exatamente quando ela se torna uma ciência, porém, assim como a matemática, a Geografia tem sua história em construção desde a origem do homem na terra. Sendo que, a partir do surgimento do homem, o mesmo como sociedade sempre esteve envolvido diretamente com o meio em que vive. O próprio instinto de sobrevivência induz a sociedade a se relacionar com o meio para poder sobreviver e evoluir. Assim também o cotidiano das primeiras civilizações resultou em um saber que, naquela época, não era nomeado como um saber geográfico, porém, já estava em processo do que chamamos de saber empírico. De acordo com o pensamento de Pereira (2009):

A gradativa ampliação do espaço, ao mesmo tempo em que aumenta o interesse por suas características naturais, vai aguçando a curiosidade por questões ligadas às relações entre a natureza e a sociedade. O homem passa a observar já não só as montanhas, os rios e seus regimes, as estações do ano e a distribuição das chuvas, mas volta sua atenção também para os sistemas agrícolas, as técnicas de uso do solo, as relações campo-cidade, as relações entre as diferentes classes sociais, entre o Poder e o povo etc. (Pereira, 2009, p. 35)

A princípio, o homem vivia da caça e da pesca, e ao decorrer do tempo foi necessário se locomover e se fixar em ambientes mais propícios e que influenciaram de forma positiva a sua sobrevivência. Nesse processo, foram ficando mais fortes as relações do homem com a sociedade e seu conhecimento em relação aos fenômenos naturais, onde resultou no avanço da técnica e a troca de mercadoria, e todo esse dinamismo proveu a sociedade atual. O conhecimento da Geografia se faz importante tanto por envolver as relações sociais, os fenômenos que ocorrem na superfície terrestre, e também a influência desses fenômenos em relação à humanidade.

No caso da Geografia escolar sua consolidação ocorre no Brasil, a partir do ano de 1937, no Colégio Pedro II, instituição, na época, referência de ensino no país, e as demais escolas também aderiram ao ensino da disciplina. Sendo a Universidade do

Rio de Janeiro e a Universidade de São Paulo as primeiras fundações a lecionarem os primeiros cursos. De acordo com Rocha (2000):

Foi através do decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, que o Ministro Francisco Campos renovava o ensino superior brasileiro com a introdução do sistema universitário. Neste decreto, eram criadas as Faculdades de Educação, Ciências e Letras, espaço acadêmico que abrigariam, dentre outros cursos, o de Geografia. As duas primeiras instituições organizadas sob as novas regras, Universidade de São Paulo (1934) e Universidade do Distrito Federal absorvida em 1938 pela Universidade do Brasil (atual UFRJ), fundaram suas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, criando os primeiros cursos de formação de profissionais para atuar nesta área de conhecimento. (Rocha, 2000, p.1)

A Geografia escolar, do ponto de vista político e social, possui o poder de formar cidadãos críticos e sujeitos transformadores da própria realidade, ou seja, esse conhecimento se torna extremamente importante para a formação das gerações futuras, e, dependendo do interesse de grupos dominantes, pode ocorrer uma redução ainda maior nos conteúdos geográficos. Nessa linha de raciocínio, Pereira (2009) afirma que:

Este saber transmitido pela geografia tradicional elimina o raciocínio e a compreensão e leva a mera listagem de conteúdos dispostos numa ordem enciclopédica linear que, mais uma vez, evidencia uma precedência do natural sobre o social, para que o social seja visto como natural. Assim, conteúdos provenientes das ciências naturais e das ciências sociais se Justapõem obedecendo a uma sequência bastante rígida que prioriza os elementos da natureza. Sem discutir ou aprofundar as formas de apropriação desta natureza, o ensino da geografia torna-se a-crítico e a-histórico. (Pereira, 2009, p 15-16)

Busca-se, assim, transformar a disciplina de geografia em conteúdos voltados somente a saberes de natureza, dedicados a um cronograma no qual os alunos não trabalham o raciocínio, e eliminam a forma crítica de pensar os conteúdos geográficos, como mesmo afirma a autora, o ensino da Geografia acaba se tornando a- crítico e a-histórico.

O ensino da Geografia vai além das quatro paredes da sala de aula, acaba sempre envolvendo algo mais amplo, principalmente com forte influência no contexto social e político. Desde sempre, Geografia e cotidiano tiveram essa relação unificada, praticamente cotidiano se torna algo indissociável do conhecimento geográfico, e por isso a importância do professor fazer essa ponte nas suas aulas, buscando estar

sempre atento e relacionar o cotidiano dos alunos com os conteúdos geográficos, gerando o interesse, contentamento e motivação nos alunos.

Com o processo de globalização ficaram muito mais fortes as relações, hoje em dia se torna possível se ter uma notícia praticamente imediata de qualquer acontecimento planetário, e este acontecimento geográfico mundial influencia diretamente no cotidiano de diversas maneiras. De acordo com Santos, (1997), a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista.

Essa mundialização do espaço geográfico resulta em uma forma mundial de relações culturais, econômicas, políticas e sociais em um contexto capitalista. Ou seja, praticamente a globalização influencia diretamente diversos lugares, sendo possível fazer uma associação de determinado lugar ou local com qualquer outra parte do espaço sob diferentes escalas. De acordo com Ribeiro (2001, p. 9-10), “A globalização e fragmentação ao expressar no lugar os particularismos étnicos, nacionais, religiosos e os excluídos dos processos econômicos com objetivo de acumulação de riqueza ou de fomentar o conflito”.

Sem desconsiderar os excluídos dessa lógica global, essa ideia de conexão unificada contribui bastante para essa similitude entre Geografia e cotidiano, já que está interligada ao sujeito social e sua relação com o mundo, tornando muito mais prático o docente associar os acontecimentos atuais do cotidiano com o ensino da Geografia.

Segundo Castellar e Vilhena (2010, p.19), “ensinar Geografia significa possibilitar ao aluno raciocinar geograficamente o espaço terrestre em diferentes escalas, numa dimensão cultural, econômica, ambiental e social”. Para que o professor possa possibilitar tal aprendizagem, é necessário o aluno saber seu lugar no mundo e, assim, raciocinar e se relacionar geograficamente com o espaço terrestre e suas diversas escalas.

Conforme D’Ambrósio (2009, p.18), “todo conhecimento é resultado de um longo processo cumulativo de geração, de organização intelectual, de organização social e de difusão, naturalmente não dicotômicos entre si”. O conhecimento geográfico, sendo um saber universal, é necessário para que o homem, enquanto sujeito social, compreenda as relações à sua volta e o seu passado, presente e futuro. De modo geral, essa sapiência geográfica ajuda na dinâmica das relações homem e meio, como também suas relações sociais.

Relacionando esse pensamento à sala de aula, o aluno, em seu primeiro contato com os conteúdos geográficos, praticamente absorve esse cenário dos acontecimentos naturais e sociais que o cercam e fazem parte do seu cotidiano, captando que os acontecimentos sempre estiveram presentes na sua existência De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Em seu cotidiano, por exemplo, elas desenham familiares, enumeram relações de parentesco, reconhecem-se em fotos (classificando-as como antigas ou recentes), guardam datas e fatos, sabem a hora de dormir, de ir para a escola, negociam horários, fazem relatos orais, revisitam o passado por meio de jogos, cantigas e brincadeiras ensinadas pelos mais velhos, posicionam-se criticamente sobre determinadas situações, e tantos outros. (Brasil, 2017, p. 363)

Sem dúvida, o cotidiano contribui com a Geografia, tanto como ciência, como também disciplina escolar. Sobre o cotidiano, podemos afirmar que, de acordo com Guimarães (2002):

[...]quando nos referimos ao cotidiano, estamos falando sob a prisma da representação social do dia-a-dia, ou seja, falar em cotidiano em primeiro momento nos leva a pensar diretamente em ações que dizem respeito a nossas rotinas, a tudo que se realiza empiricamente, repetidamente, é o viver o dia-a-dia de uma forma quase que banal. (Guimarães, 2002, p.11)

Em outras palavras, o cotidiano está relacionado a um padrão de afazeres mantidos no nosso dia a dia enquanto sociedade, podendo haver mais de um ponto de vista em relação ao cotidiano, porém, dependendo dos grupos sociais todos se tornam semelhantes.

Portanto, o padrão de vida das primeiras civilizações resultou de forma significativa no padrão de vida atual. Esse padrão, como citado, contribuiu para uma nova forma de saber. Na Geografia, conhecemos como o saber ou conhecimento empírico ou senso comum, que tem sua base em observações e experiências vividas e relatadas. Considerando que a realidade não é linear, esse acúmulo de crenças e leituras enrijecidas ainda nos dias de hoje possui uma forte influência na sociedade, e seu conhecimento é passado de geração em geração, possuindo grande contribuição nos diálogos em sala de aula, influenciando nos diferentes saberes e aprendizagens construídas.

Refletindo mais profundamente sobre o tema, nota-se que muitos alunos que chegam hoje nas escolas, possuem um conhecimento geográfico surgido pelas

dúvidas do cotidiano, no qual alguns ensinamentos foram apreendidos em casa, por familiares.

Essa sabedoria familiar, muitas vezes baseada no conhecimento prático e empírico, é transmitida de geração em geração. Apesar de muitos pais de alunos de escolas municipais não terem concluído os estudos, eles detêm um conhecimento valioso adquirido através da experiência de vida e da tradição familiar. Conforme Cotrim (2002, p. 46), “[...], o vasto conjunto de concepções geralmente aceitas como verdadeiras em determinado meio social recebe o nome de senso comum.”

Esse conjunto de concepções, quando presente na sala de aula juntamente com o aluno, resultará na assimilação de determinados conteúdos que foram adquiridos no seu lar. A presença do senso comum no Nordeste é bastante predominante, concernente a própria cultura regional, conhecimentos e crenças que permanecem por gerações.

Sendo assim, o professor torna-se o sujeito principal nessa associação dos saberes empírico e científico, e responsável na desconstrução, de forma assertiva, desse imaginário social, não desvalorizando ou deixando de lado o conhecimento do senso comum, mas explicando como esses fenômenos acontecem.

Se levarmos em consideração os afazeres diários de um aluno que mora na zona rural e outro na zona urbana, ambos possuem rotinas diferentes, porém, dependendo da amplitude trabalhada ou área considerada, resultará em um cotidiano semelhante para ambos, mas, ainda assim, considerando as suas vivências e significados, contribuindo para sua formação social e intelectual. Segundo Giroux (1986, p. 264): “O desenvolvimento de um modo crítico de raciocínio deve ser usado, a fim de capacitar os alunos a se apropriarem das suas próprias histórias, isto é, mergulhar em suas próprias biografias e sistemas de significado”.

É necessário que a Geografia escolar esteja sempre alinhada à Geografia cotidiana do aluno, sendo preciso um olhar mais atento no processo do saber, e buscando sempre associar o cotidiano com o científico. A respeito do desenvolvimento dos conceitos, Vygotsky (1993) relata que:

É preciso que o desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançado um certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato [...] os seus conceitos geográficos e sociológicos devem se desenvolver a partir do esquema simples aqui e em outro lugar. (Vygotsky, 1993, p. 93)

A partir desse pensamento, fica clara a importância do espaço vivido do aluno com relação ao ensino e aprendizagem, uma junção do saber científico, empírico e das relações sociais sendo trabalhados de forma unânime e simplificada para a compreensão dos conceitos. Tratando-se da Geografia escolar, o aluno tem que entender que o mesmo é um sujeito ativo e tem contribuição direta quando se trata das relações sociais. Para aprofundar a relação da geografia e o conhecimento do cotidianos, Cavalcanti (2010) afirma que:

O estudo das representações sociais tem, assim, como suporte a vida cotidiana e a atividade cognitiva dos sujeitos que as formam. Essas constatações permite a convicção de que o estudo do conteúdo das representações dos alunos sobre Geografia é um caminho para melhor conhecer o mundo vivido dos alunos, suas concepções e seu processo de construção do conhecimento. (Cavalcanti, 2010, p. 14-15)

Embora aconteça uma visão errônea da geografia escolar, estão relacionadas a conteúdos como um saber enciclopédico, conteudista e voltado para memorização. No entanto, ela, como disciplina, tem um papel determinante para o aluno, contribuindo para a sua existência e desenvolvimento de suas cidadanias. Segundo Resende (1986, p. 20), “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele.”

É indiscutível a importância da geografia escolar como uma disciplina, no entanto, ela vai mais além do que conhecimentos de conteúdo; a mesma influencia diretamente no ser social. No contexto geral do ensino, a relação do conteúdo, das vivências do cotidiano e do diálogo, torna-se pontos mais do que necessários para um melhor aprendizado e uma valorização ao olhar do aluno, onde o mesmo tem que ter a compreensão da importância de cada disciplina e seus conteúdos para a sua vivência social.

2.2 A Escola e o Imaginário Social

Quando pensamos em sociedade ou civilização associamos de uma certa forma a algo que seja organizado e padronizado. Ao pensar nesse padrão de organização, ligamos esse mesmo processo à educação e de como essa sociedade é desenvolvida e como a mesma se organiza. De acordo com a Constituição Federal do Brasil (1988), a educação é direito de todos e responsabilidade tanto do Estado , como da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração social, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício como cidadão e sua qualificação para o trabalho.

Para que esse processo de educação aconteça, torna-se necessário que o Estado disponibilize e invista em escolas para a sociedade, sendo ela pública e acessível para todos. Para que se tenha uma educação de qualidade, a escola necessita disponibilizar um certo conforto, tanto para os alunos como também para professores e toda comunidade escolar. Salas climatizadas, bibliotecas, uma área para o lazer durante o intervalo, água potável, banheiro e outros.

Em uma década praticamente tecnológica, se faz necessário que a escola também evolua juntamente com a sociedade, adaptando-se à realidade e acessibilidade dos alunos, criando um ambiente mais dinâmico e interativo. Uma sociedade sem escola, provavelmente seria uma sociedade desorganizada e sem visão para o futuro. De acordo com Perez (2001):

[...]a nossa humanidade realiza-se não pelo conhecimento, mas pela sabedoria. Formar homens sábios (e não eruditos) deve ser o ideal da educação. A sabedoria constrói-se a partir da compreensão, e esta não se desenvolve somente a partir do ponto de vista intelectual racional. Uma educação comprometida com o desenvolvimento da humanidade é uma educação para a sabedoria – uma educação e uma escola voltadas para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, portanto, inclusiva e compreensiva. (Perez, 2001, p.119)

A escola vai além de um local de aprendizado e desenvolvimento pessoal, ela cria e gera oportunidades gigantescas, que possibilitam a mudança no contexto social. Sendo a escola um dos principais, ou até mesmo o primeiro ambiente de interação social da criança, geralmente a instituição possibilita o primeiro convívio coletivo social sem ser o convívio familiar. De modo geral, a educação possibilita às pessoas um

conhecimento que transforma tanto a si, como também ao meio que vivem, levando a pensar de forma crítica e buscando uma democracia social.

A forma de pensar dos alunos e o conjunto de crenças obtidas no cotidiano, associadas ao imaginário social, influenciam bastante no diálogo em sala de aula, conforme a crença possui ligação em determinadas áreas, conseqüentemente vai se associar ao conhecimento abordado em sala de aula, gerando o diálogo e a troca de experiências que auxiliam no aprendizado e nas relações sociais, esse diálogo podendo envolver tanto professor e aluno como também aluno e aluno. De acordo com Behrens (2006, p. 87), “Instiga o diálogo e a discussão coletiva como forças propulsoras de uma aprendizagem significativa e contempla os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva dos alunos e dos professores”.

Esse imaginário social, presente no conhecimento do aluno, é praticamente uma herança social, na qual se formou há muito tempo no passado com o intuito de explicar acontecimentos, na maioria das vezes naturais, e vai sendo transmitido de geração em geração. O imaginário social, de acordo com Taylor (2002) é definido como:

O modo que nossos contemporâneos imaginam as sociedades nas quais habitam ... algo maior e mais profundo do que os esquemas intelectuais que as pessoas têm quando pensam sobre a realidade social ... o modo como as pessoas imaginam sua existência social, como se mantêm juntas umas das outras, como as coisas acontecem entre elas e seus pares, as expectativas que normalmente compartilham, as noções normativas mais profundas e as imagens que subjazem nessas expectativas. (Taylor, 2002, p. 22-23)

O imaginário social é definido como a sociedade ver sua realidade social, algo que se refere a mitos e ideologias, também relacionados a símbolos, rituais e metáforas, nas quais esses princípios moldam a visão de mundo e resultam no estilo de vida e comportamento em vigor ou atuante. E para reforçar as palavras de Taylor (2002), citamos Ferreira e Eizirik (1994, p.6), quando afirmam que:

As análises das ideologias, o estudo das correlações entre as estruturas sociais e os sistemas de representações coletivas, o modo como elas abrem para uma instância que assegura a coesão social nos apontam para o Imaginário Social. Mesmo considerando-se os pontos de discordância entre o enfoque marxista e o enfoque weberiano, há que se enfatizar que ambos reconhecem que o conjunto de normas e valores não paira autonomamente sobre os homens, mas se materializa em suas práticas sociais, em seus processos de identificação, em seus arranjos grupais, reforçando e/ou instituindo elos de sociabilidade entre eles. E nesse sentido que se pode dizer que o mundo transcende a esfera da natureza-em-si, porque é vivido real/imaginariamente pelos homens. Ou seja, toda sociedade conta com um

sistema de representações cujos sentidos traduzem um sistema de crenças que, em última instância, legitima a ordem social vigente. Trata-se de uma complexa rede de sentidos que circula, cria e recria, instituindo/instituindo-se na luta pela hegemonia. (Ferreira; Eizirik, 1994, p.6)

Conforme o que foi dito anteriormente, o que podemos pensar é que Taylor (2002), Ferreira e Eizirik (1994), afirmam que a sociedade possui um mecanismo de representações na qual resulta em um conjunto de crenças, onde existe um mundo em que os sujeitos vivem o real e o imaginário, possuindo uma leitura de suas relações e sua própria existência. Esse mecanismo, sendo uma construção coletiva da sociedade de forma fragmentada quando relacionada à realidade, gera um conjunto de outros fatores que contribuem para a formação do imaginário social, elementos como crenças, fantasias, desejo, necessidade, intuições, uma série de fatores que contribuem para o surgimento da simbolização.

Associado com o ensino da Geografia, esse contexto tem uma relação forte com alguns conteúdos geográficos, justamente por ter muitos fenômenos naturais que são baseados em crenças que foram criadas para explicar o que ainda não era concreto. Quando associamos a imaginação social ao meio cultural brasileiro, vemos de modo mais transparente essa imaginação, já que vivemos em um país com culturas bastante diversificadas, resultado de um processo histórico, e isso diversifica a visão de mundo. Na visão de alguns alunos, acontecimentos naturais são associados com crenças, um pequeno redemoinho sendo associado a um personagem do folclore brasileiro.

O imaginário social pode também influenciar de forma negativa em ambos os lados, tanto na formação da visão social do professor, assim como também na visão social do aluno. Esquemas intelectuais fortemente presentes e negativos devem ser reformulados para um melhor aprendizado e melhor existência social. A ideia é que o professor, enquanto educador, seja desprendido desse imaginário negativo e tenha propostas pedagógicas, que possam desconstruir e orientar o aluno a ter uma visão crítica com base em valores reais, buscando pontos que sejam considerados para uma aprendizagem colaborativa e integração de tecnologia.

Quando fazemos uma pequena análise em notícias dadas pela televisão no contexto nacional ou em um livro didático, é perceptível a influência desse imaginário social, principalmente quando trabalhadas em sala de aula as regiões brasileiras, com ênfase principalmente na região Nordeste, imaginário esse que permanece fortemente

na visão dos alunos, onde o que absorvem pela mídia e o pouco que estudam nos livros de Geografia vai se tornando uma verdade praticamente concreta.

Por isso, a importância do professor, enquanto formador de cidadãos críticos, fazer a desconstrução desse imaginário social, trazendo sempre informações e notícias atuais, analisando o livro didático e contribuindo com aquilo que está ausente nas páginas do livro didático.

2.3 A Importância do Professor de Geografia na Formação da Concepção Socioespacial do Aluno

A contribuição do professor de Geografia é fundamental para uma sociedade verdadeiramente pensante e desenvolvida, sendo o mesmo e os demais da classe sujeitos ativos na relação aluno e conhecimento. Porém, ao mesmo tempo se torna uma tarefa desafiadora, pois, vivemos em um país em que falta respeito à profissão, tornando-se para a sociedade uma classe sem muito valor ou importância, quando na verdade o professor é um dos principais atuantes para uma sociedade evoluída, onde o mesmo é mediador para as outras demais profissões. Segundo Ferreira e Pereira(2012):

[...] é característico do trabalho do professor a ambivalência de ser demandada de sua atividade uma grande responsabilidade que convive com uma intensa desvalorização de sua atuação ante a sociedade atual. A complexidade do trabalho só vem aumentando na medida em que o professor se depara com exigências tão grandes e descabidas para o contexto. (Ferreira; Pereira, 2012, p. 7)

Mesmo com um papel social tão importante, e com um grande número de exigências e responsabilidades, a falta de valorização no contexto social permanece de forma absurda e aumentando cada dia mais na profissão. No contexto atual, ser professor se torna cada vez mais uma realidade desafiadora.

Segundo Freire (1996, p.77), “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina”. Essa afirmação deixa clara a importância da relação professor e aluno para um ensino e aprendizado mais significativo. Ainda de acordo com o autor (1996, p.124), “a capacidade do educador de conhecer o objeto refaz-se, a cada vez, através da própria capacidade de conhecer dos alunos, do desenvolvimento de sua compreensão crítica”.

Levando em consideração o que foi citado, torna-se nítida a importância de uma boa relação entre professor e aluno e a troca de conhecimento. Porém, na sala de aula, essa relação, algumas vezes, deixa a desejar, convivência essa na qual o professor tem o domínio total do ensino, tornando-se conhecido como educação tradicional. Em relação à educação tradicional, Bicudo (2005) afirma que:

[...] na educação tradicional, o aluno é acostumado desde cedo a logo nas primeiras séries, conhecer os seus deveres, entre os quais está sempre presente o de prestar atenção ao que lhe ensina o professor e este prestar atenção significa ficar calado e olhando. (Bicudo, 2005, p. 26)

A concepção equivocada do aluno como mero receptor de conhecimento persiste na sala de aula e se reflete na sala de aula, afetando tanto professores iniciantes quanto experientes. Em Geografia, especialmente, é crucial romper com essa ideia, promovendo a interação crítica entre professor e aluno. O professor é fundamental para a construção do conhecimento e a formação crítica, mas o aluno também desempenha papel essencial, contribuindo com seus questionamentos, perspectivas e experiências sociais para seu próprio desenvolvimento.

Para que aconteça essa relação entre professor e aluno, se faz necessária a presença da escola, sendo a mesma responsável pelo desenvolvimento e engrandecimento do pensamento social e individual, unido ao docente, que terá como função principal o papel de orientar e desafiar os alunos intelectualmente, existindo todo um processo de aproximação envolvendo escola, professor e aluno. Conforme afirmado por Viotto Filho; Ponce e Almeida, (2009):

[...] a escola será um local fundamental para o desenvolvimento da inteligência e do pensamento humano, sem limites. E o professor, sujeito principal nesse processo de desenvolvimento, assumirá outra postura, qual seja, aquela de proporcionar trabalhos e situações variadas ao aprendiz, posicionando-se como um orientador, um provedor de desafios cognitivos [...]. (Viotto Filho; Ponce; Almeida, 2009, p. 37-38)

Entre os vários desafios apresentados para o professor no processo de ensino, um dos principais seria depender somente do auxílio do livro didático que, na maioria das vezes, possui um conteúdo resumido e distante da realidade dos alunos. Como já abordado, a Geografia e o cotidiano são pontos que raramente vão poder ser discutidos separadamente, principalmente quando é essencial para melhor aprendizado do aluno associar sua realidade com determinado conteúdo. Contudo,

esse desafio acaba dificultando o entendimento no processo escolar, gerando um desinteresse na disciplina de Geografia e, conseqüentemente, resultando em um desenvolvimento social negativo, sendo reduzida a forma de trabalhar o pensamento crítico dos alunos. Assim Lovato; Michelotti; e Loreto (2018) relatam que:

[...] em relação às estratégias utilizadas, o contexto educacional que vivemos na atualidade pode ser caracterizado como um mosaico. Enquanto alguns professores ainda utilizam métodos tradicionais como as aulas expositivas, o quadro-negro, o giz e o livro-didático, outros utilizam práticas pedagógicas inovadoras e diversificadas [...]. (Lovato; Michelotti; Loreto, 2018, O. 155)

A importância do professor utilizar metodologias que contribuem para melhor aprendizado do aluno, sempre inovando e buscando maneiras de criar atividades lúdicas em sala de aula, dependendo do conteúdo, torna-se até um desafio. A elaboração das metodologias ativas é bastante significativa para despertar a curiosidade e o interesse do aluno, resultando em um aprendizado que vai além das paredes da escola, possuindo influência na sua vivência pessoal, com o conhecimento adquirido, junto a habilidades e atitudes. Metodologias essas que deveriam ser trabalhadas desde os anos iniciais do ensino fundamental, já ocasionando um processo de adaptação. Se torna importante que o professor de geografia saiba trabalhar de forma lúdica e clara os conteúdos geográficos, para que o aluno não tenha uma visão enfadonha e irrelevante da disciplina. Segundo Guerra (2020):

O ensino de Geografia é fundamental para a formação cidadã integral, por consequência, é indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, em termos sociais, culturais, políticos e econômicos. Na escola básica, é a única disciplina capaz de viabilizar a construção do entendimento da realidade[...]. Logo, a Geografia deve ter espaço cativo na escola brasileira. (Guerra, 2020, p. 7)

Praticamente, ao conhecer a disciplina de Geografia, entre outras, o aluno gera uma grande expectativa e interesse, no qual, cabe ao professor possuir boas metodologias para um melhor ensino e aprendizagem, sendo necessário uma harmonia na relação entre professor, aluno, disciplina e cotidiano.

Para melhor processo de ensino e aprendizado, se faz também necessário o professor fazer uma análise do livro didático, fica evidente que o livro didático é uma ferramenta importante nesse processo, entretanto, cabe ao professor um olhar analítico, quando se trata de certos conteúdos, observar se o conteúdo apresentado

no livro é relevante para os alunos e se está coerente, completo e próximo a realidade cotidiana.

O conhecimento geográfico é amplo e diverso, podendo ser trabalhado de várias maneiras, entretanto, essa diversidade pode resultar em um saber que não cause muito interesse nos alunos, justamente por sua amplitude. “O professor precisa ser um aprendiz ativo e cético na sala de aula, que convida os alunos a serem curiosos e críticos... e criativos” (Freire, 2007, p.19). Como já relatado, as metodologias ativas contribuem significativamente para o interesse e curiosidade do aluno na disciplina, o professor deve sempre inovar, buscar conhecer individualmente seus alunos, buscando estratégias que resultem no diálogo entre estudantes, fazendo o mesmo, relatando sua realidade para um melhor ensino e aprendizado.

Levando em consideração a vivência do educando e sua criticidade atuante na realidade, Libâneo (1991), afirma que:

[...] aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica. (Libâneo, 1991, p.54)

Fica nítido como o professor possui a habilidade de construir o conhecimento, porém, cabe ao mesmo desconstruir conhecimento rasos formado pelo imaginário social, buscando o conhecimento amplo do conteúdo e a formação crítica dos alunos.

Além do mais, o docente também se torna sujeito decisivo no futuro do aluno, já que, uma boa formação escolar influencia significativamente no futuro de cada indivíduo, que está evoluindo para sua formação social. Como afirma Cabral (2011, p. 57), “O bom professor é aquele que consegue construir conhecimentos, teorias e práticas juntamente com seus alunos, de modo que eles os compreendam e possam utilizá-los nas suas atividades diárias, em sua profissão e na vida”.

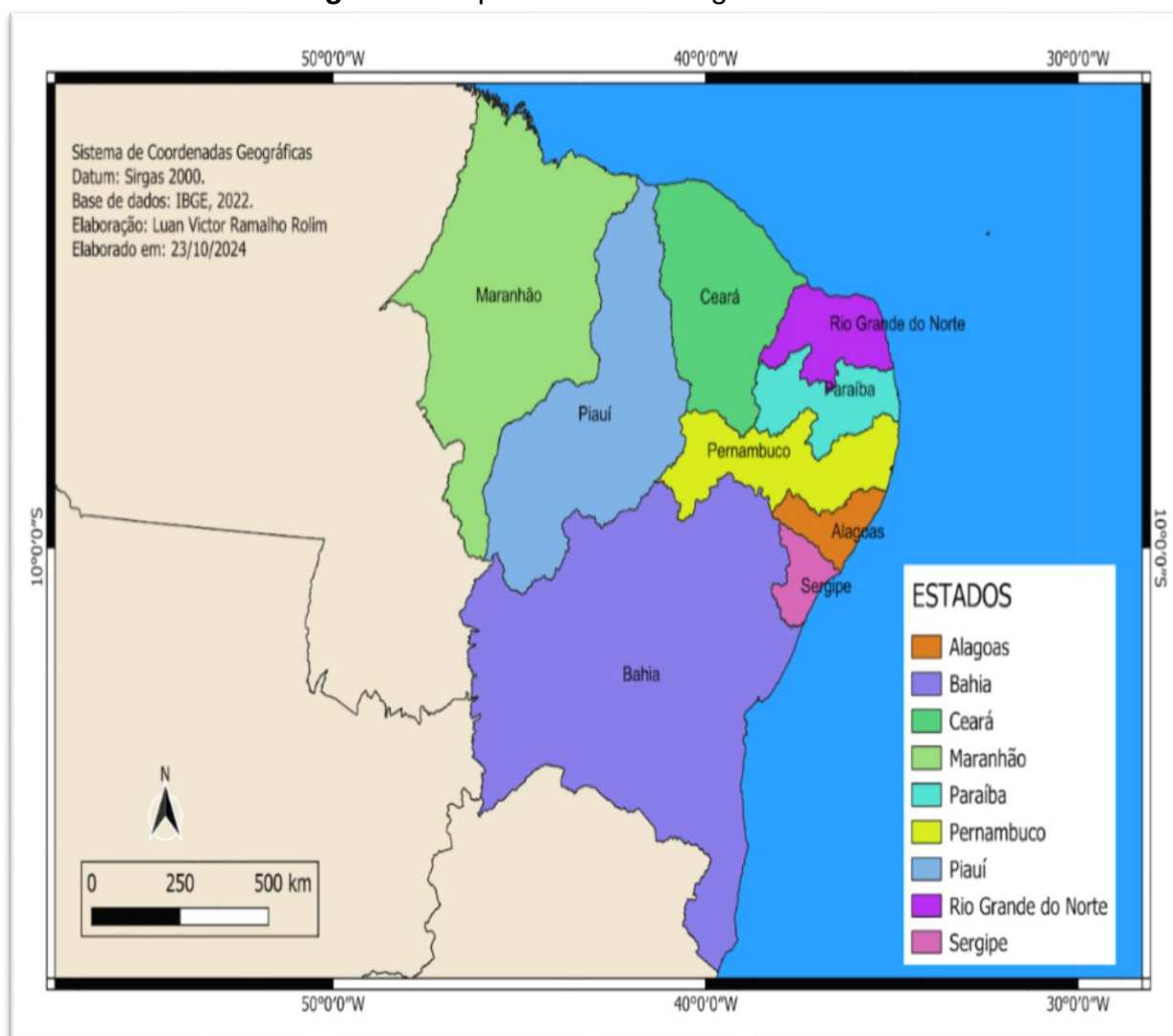
No próximo capítulos será abordado notícias que contribuem para uma perspectiva positiva da região Nordeste, notícias essas que juntamente com a metodologia do professor de geografia, podem ser trabalhadas junto ao livro didático e resultar em um olhar mais complexo e reflexivo do aluno.

3. O SERTÃO E O NORDESTE

3.1 Visão Social do Nordeste

As informações sobre o Nordeste brasileiro, principalmente as noticiadas em telejornais e novelas de amplitude nacional são frequentemente limitadas, escassas e distorcidas. Composta por nove estados, sendo eles Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. De acordo com o IBGE (2022) a região possui uma população com cerca de 54 milhões de habitantes e com uma área territorial de aproximadamente 1,5 milhão de km², conhecida como o "berço do Brasil" por ter sido a primeira região colonizada. Na figura 1 a seguir, tem-se o mapa político da Região Nordeste.

Figura 1: Mapa Político da Região Nordeste



Fonte: Rolim, 2025.

Mesmo em uma realidade conhecida como a era da informação, existe uma visão errônea e bastante preconceituosa quando se trata do Nordeste brasileiro, sendo o mesmo quase sempre associado à fome, miséria e seca. Como se as condições climáticas fossem um fator determinante para os acontecimentos regionais. De acordo com Malvezzi (2007):

A imagem difundida do Semiárido, como clima, sempre foi distorcida. Vendeu-se a ideia de uma Região árida, não Semiárida. É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração da Asa Branca – essas imagens estão presentes na música de Luiz Gonzaga, na pintura de Portinari, na literatura de Graciliano Ramos e na poesia de João Cabral de Mello Neto. É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos. (Malvezzi, 2007, p. 11)

Nesse contexto, as canções e as obras literárias contribuem para essa formação da realidade de um povo sofredor, onde o clima se tornando fator referencial para terras inférteis, sofrimento dos animais e um povo considerado como atrasado.

Cada região vai possuir sua particularidade e distinção das demais regiões, podendo ser caracterizada e moldada por diversos critérios. De acordo com Hartshorne (1978) a região “é uma área de localização específica, de certo modo distinta de outras áreas, estendendo-se até onde alcança essa distinção” (Malvezzi, 1978, p. 138).

Na formação da visão social relacionada ao Nordeste, podemos observar um fator principal, sendo ele o imaginário social que acaba resultando em uma verdade moldada de preconceitos e com fundamentos distorcidos do cenário real. Nesse contexto Bernades (2007), afirma que:

“Essas imagens, que podem ser também *estereótipos*, fazem parte do complexo jogo das *identidades*, construídas numa teia de relações entre os de *fora* e os de *dentro* da região. Identidades que são, também, peças fundamentais na afirmação de interesses políticos, econômicos e de reconhecimento cultural. Podem ter, tais *identidades*, aspectos positivos ou negativos” (Bernades, 2007, p.43)

De modo geral, esse cenário distorcido tem suas raízes fundamentadas no meio natural, no processo histórico do Brasil somado com as influências atuais, quando relacionado ao meio natural, o imaginário social fica diretamente associado à

seca e à falta de água, o que resulta na fome. No cenário histórico, mais precisamente no processo de industrialização, o Nordeste, a princípio, tinha o foco econômico do país, porém, a concentração econômica e de poder é direcionada para o Sudeste, e, por último, as influências atuais se tratam de um preconceito enraizado, onde, só se vê a região como um atraso econômico.

Pela realidade natural, o cenário se tornaria algo praticamente imutável, já que, por influências climáticas, a falta de chuva resulta na seca. Na qual por muito tempo predominou e ainda predomina como principal característica da região. Isso ocorre devido a sua localização geográfica, pois se situa na zona intertropical, que ocasiona chuvas em curtos períodos e uma alta taxa de evaporação. De acordo com Lucena (2010):

[...] o problema está na distribuição pluviométrica, cuja concentração em apenas dois a quatro meses no ano, associada aos elevados índices de evaporação tornam ineficientes os sistemas de armazenamento superficial de água como também sua disponibilidade para as plantas via solo. No período úmido, as chuvas apresentam elevada intensidade que associada ao significativo escoamento superficial contribuem acentuadamente para reduzir o aproveitamento da água caída. Essa situação de baixa efetividade da chuva associada com a reduzida capacidade de armazenamento de água no solo coincide com os meses mais secos e de temperaturas elevadas. Estas condições determinam a quantidade e o tipo de vegetação que tem condições de viver nesta zona ambiental. (Lucena, 2010, p.324)

Apesar das condições climáticas desfavoráveis, e a água que é acumulada, em alguns meses evapora rapidamente, tornando-se, assim, um cenário praticamente imutável, possivelmente outras realidades que poderiam ser modificadas são atribuídas à seca, e têm forte permanência e relação até os dias atuais. Realidades como a fome e a pobreza foram associadas fortemente ao Nordeste e colocadas como algo também imutável, sendo resultado de influências governamentais.

Com todo esse dinamismo e com a árdua realidade, durante um bom tempo o processo de migração fez parte de forma gigantesca no cenário nordestino, onde boa parte da população ia para a região Sudeste em busca de uma melhor condição de vida e buscando sua sobrevivência e da sua família. De certa forma esse processo de migração contribui para a desvalorização do Nordeste. De acordo com Guillen (2001):

Quando se trata de migração nordestina, tudo se passa como se fosse uma decorrência econômica e social natural, levando-se em conta a construção imaginária do tripé Nordeste/ seca/ migração. Essa construção imaginária "destina" ao homem nordestino a condição de migrante, pobre e flagelado.

De certo modo, essa representação social contribui para criar invisibilidade histórica em torno do migrante, deslocando as questões para outros campos que não favoreciam o surgimento de uma história social que os incluísse. (Guillen, 2001, p. 2-3)

A influência da mídia sempre foi bastante significativa, principalmente na formação da visão social e formação de opinião da população. Nesse sentido, quando a mídia de televisão nacional se refere ao Nordeste quase sempre faz referência a cenários ultrapassados, o que faz a população acreditar fortemente que na região não ocorre nenhum avanço, e sempre sendo vista como um atraso. Em relação a esse quadro, Araújo (1997) afirma que:

Nas últimas décadas mudanças importantes remodelaram a realidade econômica nordestina, questionando inclusive visões tradicionalmente consagradas sobre a região. Nordeste região problema, Nordeste da seca e da miséria, Nordeste sempre ávido por verbas públicas, verdadeiro poço sem fundo em que as tradicionais políticas compensatórias de caráter assistencialista só contribuem para consolidar velhas estruturas socioeconômicas e políticas perpetuadoras da miséria... Essas são apenas visões parciais sobre a região nos dias presentes. Revelam parte da verdade sobre a realidade econômica e social nordestina, mas não apreendem os fatos novos dos anos mais recentes. Não refletem a atual e crescente complexidade da realidade econômica regional e não permitem desvendar uma das mais marcantes características do Nordeste atual: a grande diversidade, a crescente heterogeneidade de suas estruturas econômicas. (Araújo, 1997, p. 13)

A forma como a Região Nordeste é descrita por muitos, realmente faz com que se acredite somente nos aspectos negativos como a fome, miséria e seca, economicamente sendo visto ou relatado como um atraso, uma região sem avanço, quando na verdade possui sim sua contribuição e seus avanços, mas, por algum motivo, que muito provável seja por interesses políticos e desinformação da própria sociedade, ocasiona esse preconceito. Segundo Albuquerque (2007, p. 89), “ao nordestino ainda estão vinculados outros tipos sociais vistos com certo desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau-de-arara, o arigó, entre outros”. Sendo termos associados diretamente ao Nordeste, termos esses acompanhados por comentários negativos.

No entanto, na diversidade de culturas, acaba resultando em um preconceito com a população nordestina, preconceito esse que ultrapassa as questões de desenvolvimento e economia, e resulta em ódio e rejeição, ocasionando, assim, a xenofobia contra os nordestinos. De acordo com Silva (2003):

Geralmente, os diagnósticos e as proposições têm como referência imagens historicamente construídas sobre um espaço-problema, terra das secas, região de fome e da miséria, explicação do atraso econômico e das disparidades regionais. Essas imagens são fruto de julgamentos superficiais sobre a realidade do Semiárido e dos interesses políticos das elites locais que explicavam a miséria, a fome e o atraso como produtos de condições naturais adversas, do clima, da terra e da formação de sua gente. (Silva, 2003, p. 1)

A educação possui um papel importante nessa desconstrução do imaginário social e combate ao preconceito, o acesso a informações e à divulgação de avanços. O Nordeste vai muito além do que é ditado pelas elites, possuindo sim suas contribuições de diversas formas e com uma amplitude de resultados positivos. Esse tipo de debate só é mais frequente nas universidades, quando, na verdade, se faz necessário ser construído de forma efetiva na escola, buscando construir uma geração crítica que valorize sua cultura e que esteja ciente da verdadeira realidade que o cerca, e a contribuição da sua Região para o país.

Devido a forma que o Nordeste foi historicamente estereotipado devido a influências externas, associando a uma região atrasada, influenciou e fomentou um preconceito existente e reforçando o imaginário social. Na qual essa visão ainda persiste, até mesmo entre os próprios nordestinos que não possuem conhecimento sobre a sua própria região. Dessa forma, não conseguem enxergar o papel fundamental que a Região Nordeste exerce no país.

Fica nítido que o Nordeste só é lembrado de forma positiva quando relacionado ao lazer, ao turismo, com suas belas praias de águas quentes, e ao destaque para eventos festivos como o carnaval e o maior São João do mundo, mas os aspectos positivos vão bem mais além. Muito é relatado de turistas que vêm pela primeira vez ao Nordeste e têm um choque de realidade quando vivenciam o cotidiano do nordestino, pois, percebem que o imaginário social que possuem é distorcido e improcede a visão que construíram.

Não se ver muito destaque na mídia jornalística nacional, quando o Nordeste se destaca mais do que as demais regiões, a visão que sempre é associada à região é ao passado de crise, momentos em que, tanto por influências climáticas como também político e econômico, o Nordeste não estava em sua melhor fase, ocorrendo uma jogada para dar destaque às regiões referências do Brasil. Segundo Albuquerque:

Devemos criticar, por exemplo, a postura da mídia, não porque não vê nossa verdadeira face, ou mostra nossa verdadeira fala, mas por ter uma postura

negadora da história, da mudança, por estar presa a uma visibilidade e dizibilidade do Nordeste que faz com que venham à região sempre em busca do folclórico, da miséria, da violência, da seca, até de cangaceiros, beatos e coroneis [...]. (Albuquerque, 2011, p. 353)

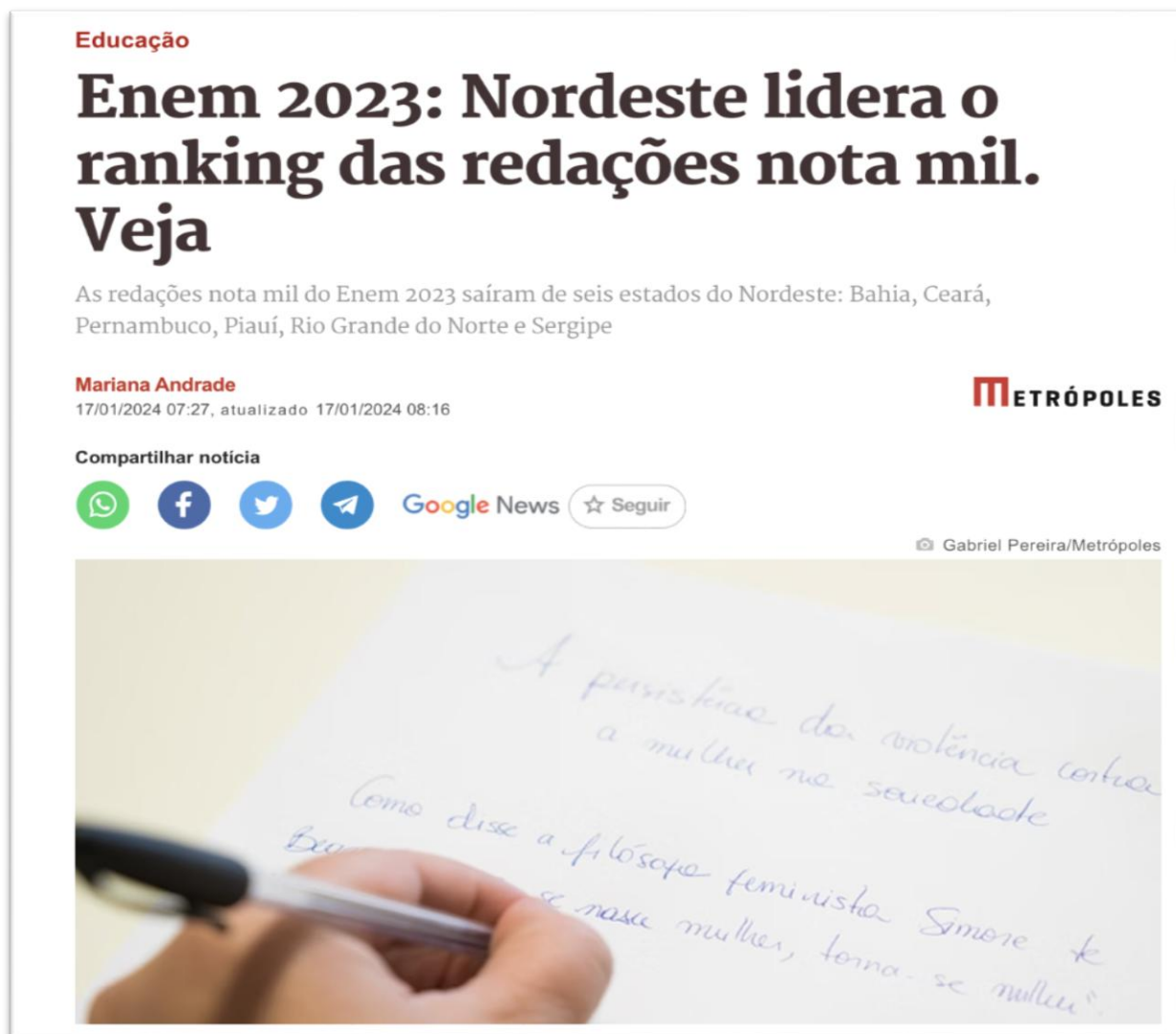
Fica evidente o fato da mídia televisiva nacional camuflar o processo histórico do Nordeste, região que foi a primeira a ser povoada, onde sua economia serviu como suporte ao desenvolvimento do país, tornando-se uma das regiões mais ricas do Brasil, possuindo, a princípio, as atividades da plantação da cana-de-açúcar e a extração do pau-brasil e outras demais atividades. Ou seja, a mídia televisiva que possui maior alcance no país, acaba buscando apenas focar e dar visão aos pontos negativos como a seca, violência e miséria como o autor cita, no que vem a reproduzir e alimentar o imaginário social sobre o povo nordestino.

No entanto, existem portais de notícias que publicam os acontecimentos que na maioria das vezes, não consta nos livros didáticos, novelas, programas de televisão e jornais a nível nacional, justamente são os recortes que enaltecem a região Nordeste, ou seja, a parte dos avanços, questões educacionais, os principais setores de referências, dados esses que raramente fazem parte do cotidiano do aluno.

A seguir, veremos algumas publicações referentes ao Nordeste de portais de notícias que divulgam fatos e acontecimentos da região, notícias que estão presente no cotidiano e contribuem para a desconstrução do estigma presente na região.

Uma das provas mais conhecidas na sociedade brasileira é o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), uma porta de entrada para o ensino superior, com milhares de inscritos, tornando-se praticamente um evento com destaque nacional. Nessa publicação, feita em 17 de janeiro de 2024, pelo portal de notícia Metrôpoles, divulgando o ranking de redações que tiveram notas mil, onde, de acordo com dados do Ministério da Educação, o Nordeste é a região destaque em relação às notas, sendo que dos 60 alunos que tiveram a nota máxima da redação, 25 alunos são da região. Para uma melhor visualização, o *print* da figura 2 mostra essa informação.

Figura 2: Notícia do Portal Metrôpoles- Enem 2023 Nordeste lidera o ranking das redações nota mil. (2024)



Fonte: Portal de Notícias Metrôpoles, 2024.

Nessa outra matéria, feita pelo mesmo portal de notícias acima, publicada em 24 de julho de 2023, mostra que, de acordo com dados do Operador Nacional do Sistema (ONS), o Nordeste se destaca por possuir a maior parcela de geração de energia limpa no país. Tornando-se destaque também pela criação da primeira molécula de hidrogênio verde criada no Brasil, gerada mais precisamente no litoral do estado do Ceará. De acordo com os dados, o Banco do Nordeste pretende investir e transformar a região, como podemos ver na figura 03.

Figura 3: Notícia do Portal Metrôpoles- Relatando a possibilidade do Nordeste ser polo de transição energética



Fonte: Portal de notícias Metrôpoles, 2023.

De modo geral, ambas as notícias destacam a potencialidade que o Nordeste possui, e como essa potencialidade pode mudar a realidade da região com dados de pesquisas e investimentos, destaque esse que, raramente, ou quase nunca é divulgado nos telejornais, justamente para não dar visibilidade à região e continuarem a retratar o mesmo imaginário de sempre.

Praticamente impossível imaginar quanto seria vantajoso se a região Nordeste fosse retratada e visada pela mídia em sua plenitude, com um cenário atualizado e com toda sua potencialização, um aumento na sua valorização de forma positiva era

nítida, onde o crescimento econômico se tornaria igual ou maior que as demais regiões.

Uma outra curiosidade pertencente ao Nordeste é que a região possui o segundo maior telescópio do país. Trata-se do Observatório Astronômico do Sertão de Itaparica (OASI), localizado em Itacuruba, Pernambuco, figura 4. A notícia teve destaque no site **gov.br**, publicado em 24 de abril de 2023. Na data da publicação, o observatório astronômico comemorava 12 anos de operação, com um incrível número de 125 artigos científicos publicados até a presente data.

Figura 4: Sertão de Pernambuco possui segundo maior telescópio do país (2023)



Fonte: Ministério da Ciência Tecnologia e Informação, 2023

O nível de abrangência de uma notícia dessas se fosse divulgada a cada semestre em telejornais, muito provavelmente esses artigos científicos poderiam ter um número maior de acessos, de acordo com sua divulgação, atraindo pesquisadores de vários estados e região, o que influencia diretamente na educação e economia do Nordeste, dando visibilidade à capacidade tanto em nível nacional como também internacional.

De acordo com essa próxima notícia, na figura 05, publicada em 12 de dezembro de 2023 pelo portal Brasil 247, portal esse de notícias e análises da área política, destaca o seguinte: Nordeste ultrapassa região sul na geração de empregos em 2023. De acordo com o portal, o Nordeste se destacou nos setores de construção e comércio, sendo esses os principais impulsionadores.

Figura 5: Região Nordeste já acumula 340 mil novos postos de trabalhos gerados em 2023 (2023)



Fonte: Secretaria de Comunicação Social, 2023

Fazendo uma reflexão no contexto dessa notícia e uma comparação ao cenário de algumas décadas atrás, quando o nordestino se deslocava para as demais regiões em busca de emprego e melhores condições de vida, é nítido que essa região vivenciava e até hoje vivencia outra realidade. Oportunidades e avanços estão presente no cotidiano do nordestino, porém são fatos e dados que geralmente só a mídia local divulga, não possuindo abrangência e destaque. O Nordeste como já relatado anteriormente, possui um destaque muito forte quando se trata do turismo, porém, para quem vem das regiões sul e sudeste acaba trazendo também a visão errônea que predomina sobre a região, desvalorizando, na maioria das vezes, nossa cultura e o sotaque da região, deixando até mesmo de vivenciar uma melhor experiência por conta dessa visão formada pela mídia. Na figura 6, podemos ver mais um destaque da região Nordeste, notícia divulgada em janeiro de 2024 pelo portal CNN BRASIL, no qual intitula o Nordeste como a região favorita para turismo em 2024.

Figura 6: Nordeste região favorita para turismo



Fonte: CNN BRASIL, 2024

No geral, fica evidente o que passa despercebido, ou o que na verdade é manipulado pelos meios de informação, o quanto de informações, pesquisas, notícias e dados que poderiam ser divulgados, uma análise de algumas notícias é capaz de perceber a amplitude das transformações recentes no Nordeste, avanços que nem foram citados como o crescimento da indústria, da agropecuária irrigada, da energia renovável (eólica e solar) e do polo tecnológico. Elementos que auxiliam a desconstruir com mais força o estereótipo de “região estagnada”.

Sendo assim, está fortemente presente no nosso cotidiano, acontecimentos próximos, ocorrendo uma imparcialidade das notícias, causando uma alienação social que acaba definindo um modo específico de tratar a região, percebe-se a influência da mídia na manipulação do pensar crítico da sociedade, de definir sua visão e influenciar diretamente no imaginário social, ficando mais evidente a importância da educação na formação de cidadãos críticos e, principalmente, a importância do professor na desconstrução desse imaginário social, buscando trabalhar a verdadeira realidade do aluno e sempre ir além do livro didático, que também se torna instrumento dessa manipulação de informação, tornando-se uma situação contraditória, na qual, mesmo em uma era tecnológica, ainda sim a sociedade possui uma grande falta de informação e o pouco acesso que tem a ela, muitas vezes é distorcida.

4. UMA ANÁLISE ACERCA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Quando analisados, são perceptíveis a contribuição e a influência direta da mídia, principalmente a televisiva, na visão e formação do imaginário social no contexto nordestino, porém, os livros didáticos podem influenciar na desconstrução desse estigma, tendo em vista que, o que é ensinado nas aulas de Geografia são assuntos totalmente ligados ao cotidiano e à realidade dos alunos, visto que o livro didático é um recurso de grande valia e contribuição para o ensino e aprendizado. Praticamente, no cenário atual, é impossível pensar uma escola e não associar ao professor e ao livro didático. De acordo com esse pensamento, Frison e outros autores afirmam o seguinte:

O livro didático acompanhou o desenvolvimento do processo de escolarização do Brasil. Se na primeira metade do século passado os conteúdos escolares assim como as metodologias de ensino vinham com o professor, nas décadas seguintes, com a democratização do ensino e com as realidades que ela

produziu os conteúdos escolares, assim como os princípios metodológicos passaram a serem veiculados pelos livros didáticos. (Frison *et al*, 2009, p.3)

Recurso esse de grande ajuda para o desenvolver das aulas, sendo o livro um instrumento didático e com sua utilização voltada principalmente para o aluno, além de ser uma ferramenta que norteia o professor. Essa realidade é mais atual, durante um bom tempo o livro didático era disponibilizado somente para o docente, onde, em boa parte das aulas, o professor copiava o assunto do livro didático no quadro e os alunos passavam o que era exposto no quadro para o caderno, fazendo uma breve reflexão. De acordo com Callai (2016):

O Livro Didático (LD), como um material de uso nas escolas, se constitui como poderoso instrumento que permite acesso ao conhecimento na medida em que apresenta informações da disciplina específica. Mais que informações que trazem os conteúdos, orienta-se nos LD como proceder para ministrar as aulas nos determinados níveis de ensino a que se destina. Muitas vezes este é o único livro que as crianças, estudantes da escola pública e suas famílias, possuem em suas casas. Torna-se então um valioso documento que permite acessar o conhecimento. (Callai, 2016, p 274).

A importância do livro didático é totalmente visível, sua contribuição para o desenvolvimento das aulas, no auxílio para o professor e na influência do despertar o conhecimento do aluno é evidente, porém, é necessário deixar claro que o livro didático é um instrumento de auxílio no processo de ensino e aprendizado, ao professor se faz necessário fazer uma análise dos conteúdos abordados, e ir além do que se encontram presentes no livro.

Nas aulas de geografia, torna-se ainda mais importante o professor juntamente com o livro didático e propostas pedagógicas aproximar a disciplina com a realidade dos alunos, gerando assim um maior interesse. Trabalhando com metodologias tecnológicas e cotidianas, que desenvolva a visão crítica da turma, gerando curiosidade e questionamentos que contribuam com o que está presente no livro didático. Ressaltando mais uma vez a importância do cotidiano, Pontuschka (2009) afirma que:

O livro didático de geografia não pode apresentar-se como um conjunto de informações sem nexos ou correlações [...]. Daí surge a importância de que os autores de livros didáticos também descubram formas atraentes de tratar de assuntos relativos ao cotidiano dos alunos (Pontuschka, 2009, p. 342).

Além disso, se faz necessário ir além da sala de aula, o que seriam das aulas de geografia sem um estudo de campo, sem as observações naturais e sociais feitas no trajeto dos alunos no caminho casa e escola, o relato feito em sala de aula com trocas de experiências, a disciplina por si só exige que o conhecimento vá além das páginas do livro didático.

A contribuição do professor nesse processo do ensino voltado para o cotidiano do aluno é de grande valia, possibilitando despertar a curiosidade e buscar formas de trabalhar a criticidade dos alunos. Segundo Costella (2017, p.179): “O livro didático, aparentemente, tem como produto o conteúdo, mas o professor, ao revirá-lo, ao iluminá-lo, ao libertá-lo, ao desorganizá-lo e ao ouvi-lo, pode, sim, ter como produto o aluno, o seu pensamento, a sua produção de ideias”.

Ressaltando a responsabilidade do docente fazer uma análise detalhada dos conteúdos presentes no livro didático, buscando contextualizar os conteúdos apresentados, sua complexidade e se possui uma realidade próxima ou distante da realidade vivida pelos docentes.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

Considerando o exposto, a pesquisa é de natureza qualitativa, sendo que, inicialmente, foi efetuado um levantamento bibliográfico, com o intuito de se obter um referencial teórico para o desenvolvimento reflexivo e analítico da pesquisa. A seguir na figura 07, os livros didáticos analisados.

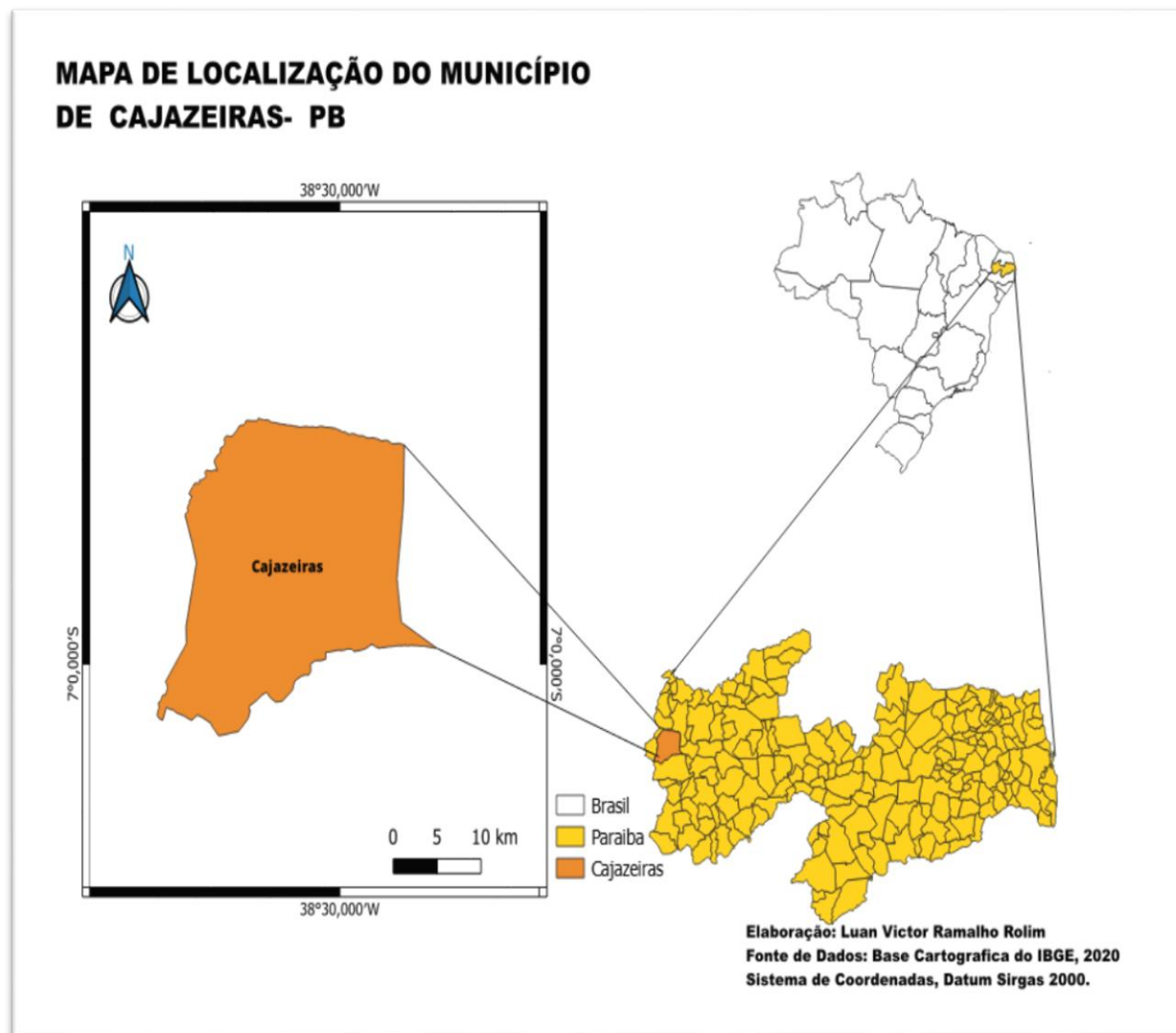
Figura 7: livros didáticos analisados



Fonte: Programa nacional do livro didático, PNLD, 2024

Para obtenção dos dados, a pesquisa considerou duas escolas públicas no município de Cajazeiras, no estado da Paraíba, conhecida como “a cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Na figura 08 a seguir, tem-se o mapa de localização do município de Cajazeiras- PB.

Figura 08: Mapa de localização do município de Cajazeiras- PB



Fonte: Rolim, 2025.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram analisados dois livros didáticos (Quadro 1) de Geografia do Ensino Fundamental anos finais anos finais, para o 7º ano, adotados em duas escolas diferentes, uma sendo escola municipal (Livro 01) e outra escola estadual (Livro 02). A análise dos Livros didáticos foi efetuada em fevereiro de 2025. Ficando evidente que a análise não foi realizada em todo o livro didático, apenas os capítulos que se referem a região Nordeste.

Quadro 1- Livros didáticos de Geografia analisados

Livro	Autores	Título	Editora	Ano de Edição
-------	---------	--------	---------	---------------

01	Marcelo Moraes, Denise Pinesso e Angela Rama	Geografia: espaço e interação (7º ano)	FTD	2022
02	Melhem Adas e Sergio Adas	Expedições Geográficas (7º ano)	MODERN A	2022

Fonte: Rolim, 2025.

A análise do livro didático foi voltada para o tema Regiões, porém com foco total na região Nordeste. As escolhas dos livros foram de acordo com livros ainda utilizados nas escolas públicas da cidade de Cajazeiras-PB. De acordo com a Lei nº 12.796, o Art. 26 (2013), os currículos da educação infantil, fundamental e ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversa, requerido pelas características regionais e locais da sociedade, como também cultura, economia e dos educandos.

O ensino da disciplina geográfica deve considerar as particularidades de cada região, incluindo cultura local e aspectos socioeconômicos. A análise das regiões é fundamental, pois permite que os alunos reconheçam a região onde vivem, compreendam os processos sociais, econômicos, naturais e políticos, resultando uma relação mais significativa com o conhecimento adquirido.

Como auxílio de pesquisa foi utilizada uma ficha avaliativa (Tabela 2) para o levantamento de dados.

Quadro 2- Ficha de avaliação dos livros didáticos de Geografia referente à Região Nordeste

Nº	CRITÉRIOS ANALISADOS	OBSERVAÇÕES
01	Número de páginas relacionadas ao assunto	
02	Presença de figuras e imagens	
03	Presença de Mapas	
04	Dados atualizados	

05	Proposta de atividade grupal	
06	Proposta de atividade individual	
07	Relação com o cotidiano do aluno	
08	Associação com a seca	

Fonte: Rolim, 2025.

A coleta de dados, após a análise, foi sistematizada em gráficos, procurando apresentar os resultados de forma nítida e compreensível possível, para um melhor entendimento dos resultados, enquanto outros dados foram relatados e apresentados de forma dissertativa.

O quadro de critérios analisados pode contribuir com os dados obtidos em portais de notícias, resultando em aulas mais dinâmicas e próximas do cotidiano. Associando notícias obtidas da região com o livro didático de Geografia, o professor pode trabalhar assuntos como atividades individuais e grupais, dados atualizados, associação do local da notícia com o mapa do Nordeste, a influência dos portais com o cotidiano e o trabalho de figuras e imagens modificando o cenário associado somente a seca.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dois livros didáticos de Geografia analisados são de turmas de 7º ano, que foram disponibilizados por duas escolas públicas, uma municipal e outra estadual, ambas as instituições são localizadas no município de Cajazeiras-PB.

A BNCC (2017) considera que o raciocínio geográfico é uma maneira de aplicar o pensamento espacial e emprega determinados princípios para o aluno compreender aspectos fundamentais da realidade, tais como: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas. Levando em consideração a relação do conceito de Região e os demais conceitos como Lugar, Paisagem e Território, para que, o aluno desenvolva o raciocínio geográfico.

Segundo Carlini-Cotrim e Rosemberg (1991), a importância que é dada a determinado assunto em um livro didático pode ser medida, por exemplo, pelo número de páginas que o autor dedica a ele. O número de páginas influencia diretamente nos

demaís critérios, sendo que quanto maior for a quantidade de páginas, maior será a quantidade de conteúdos presente no capítulo, podendo o Livro didático comprometer sua visão plural e contextualizada. O número de páginas relacionadas ao conteúdo da Região Nordeste se torna na média de páginas quando relacionada com as demais regiões, de acordo com a Tabela a seguir:

Quadro 3- número de páginas avaliadas no livro didáticos

Regiões	Norte	Nordeste	Centro- Oeste	Sudeste	Sul
Número de páginas- Livro 1	4	6	4	4	4
Número de páginas- Livro 2	32	32	32	28	34

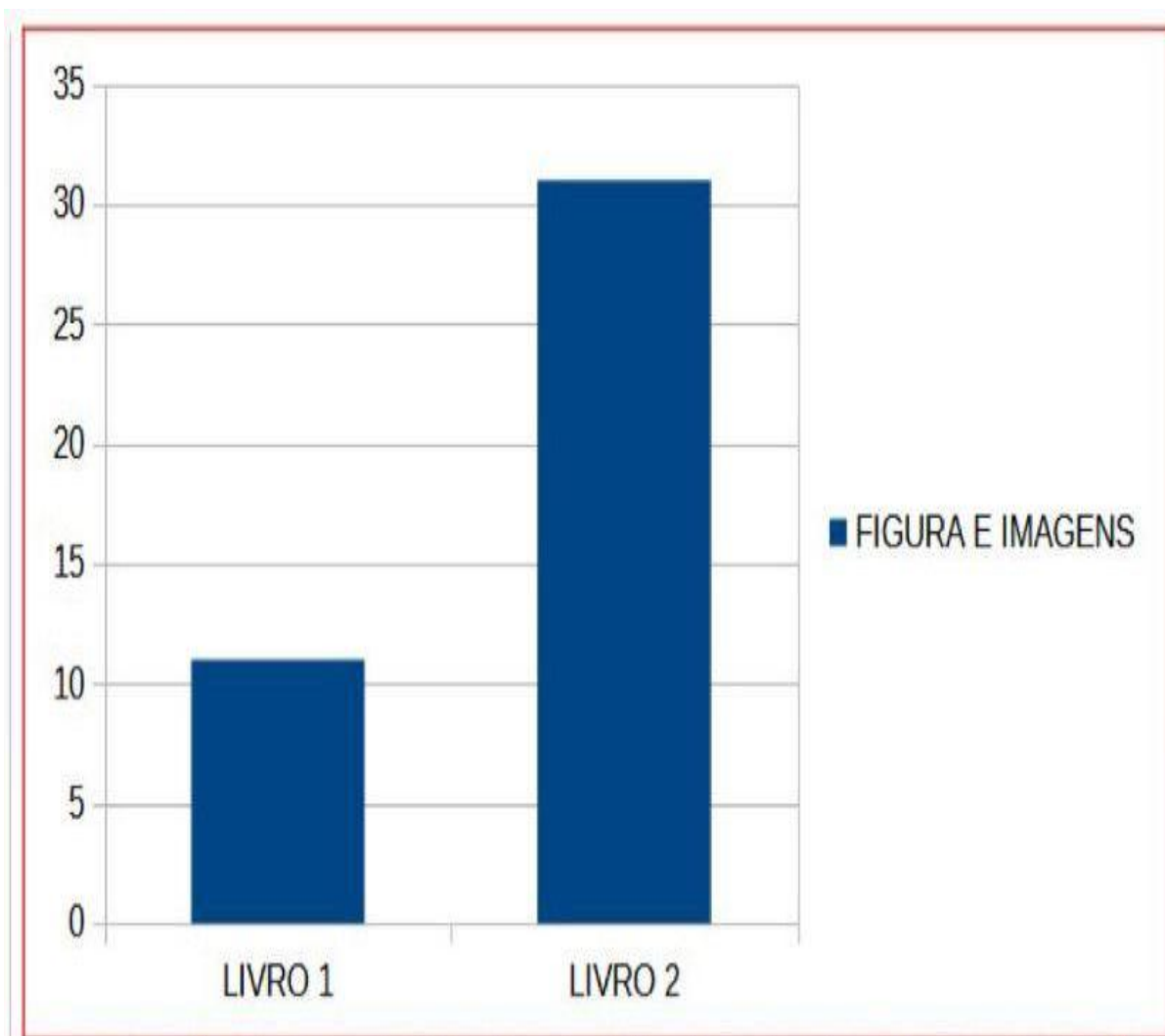
Fonte: Rolim, 2025.

As páginas contabilizadas no quadro acima já incluem as atividades propostas das determinadas regiões, sendo incluída tanto a parte do conteúdo como também as atividades propostas pelo livro didático.

De acordo com a análise do número de páginas, apresentada pela Tabela, é possível observar a diferença de páginas do livro 1 para o livro 2, sendo possível observar que o livro 2 apresenta mais conteúdos e informações tanto da região Nordeste como nas demais regiões, mesmo o livro 1 possuindo poucas páginas em relação ao livro 2, a região Nordeste se destaca com um número de páginas superior às demais regiões. Porém, de modo geral, os autores do livro 2 tiveram um número de páginas visivelmente superior e notório se comparado ao livro 1, resultando, assim, de forma bastante significativa uma dedicação e uma maior importância ao conteúdo apresentado.

Em relação à presença de figuras e imagens relacionados ao tema, de acordo com o gráfico abaixo é possível observar uma diferença significativa e bastante notória:

Figura 9: Número de figuras e imagens referentes a região nordeste



Fonte: Rolim, 2025.

De acordo com a observação, as imagens e figuras são coerentes com o texto que as complementam, no entanto, quanto maior o número de figuras e imagens melhor a compreensão e a associação ao conteúdo trabalhado. Assim como o livro 2 se destaca no número de páginas, o mesmo ganha destaque na quantidade de imagens e figuras apresentadas. De acordo com Calado (1994):

Torna-se pertinente utilizar imagens no processo ensino-aprendizagem, de modo a sensibilizar os alunos para uma análise e interpretação crítica das imagens que, ao longo do seu percurso escolar, lhes irão sendo apresentadas e “que lhes permitirão viver no mundo em que estão inseridos de uma forma consciente e interveniente. (Calado, 1994, p. 18)

Sendo destacada a importância do uso de figuras e imagens, que se tornam fundamentais para um melhor entendimento em relação ao conteúdo, é fundamental que as figuras e imagens estejam sempre relacionadas e alinhadas ao conteúdo apresentado, auxiliando, assim, em um melhor aprendizado para o aluno.

A presença de mapas no livro didático de geografia se torna essencial para melhor compreensão do conteúdo. Os mapas também podem ser associados a imagens ou figuras, ajudando, assim, o aluno a realizar uma análise visual do que o mapa apresenta. A seguir podemos observar a quantidade de mapas relacionados à região Nordeste presentes nos livros e a qual área se refere a tabela a seguir, Quadro 4:

Quadro 4- número de mapas dos livros didáticos analisados

Livro	Quantidade	Tema (Região Nordeste)
Mapas do livro 1	3	Divisão Política, Semiárido, Transposição do Rio São Francisco – 2018
Mapas do livro 2	16	Político e vias de circulação Físico Sub-Regiões Naturais Climas Organização do espaço Diversidade climática Cariri Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco Eixos do Projeto do Rio São Francisco Deslocamento e expansão da criação do gado bovino XVIII Bioma caatinga Economia (século XVII) Brasil- Ferrovia Norte e Sul e Estrada de ferro Carajás 2021 Região Hidrográfica do São Francisco Principais Municípios do oeste baiano Mapa de deslocamento (proposto em uma atividade de percursos)

Fonte: Rolim, 2025.

A importância da presença de mapas no livro didático, principalmente no livro de Geografia, é de grande valia para o aprendizado e desenvolvimento do aluno, auxiliando tanto a manusear uma ferramenta importante no cotidiano, como também

desenvolver a capacidade de noção e representação do espaço. De acordo com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's:

O estudo da linguagem cartográfica, tem cada vez mais reafirmado sua importância, desde o início da escolaridade. Contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço. (Brasil, 1001, p. 118)

Esse contato do discente com os mapas propostos no livro didático ajuda no avanço da compreensão do espaço e suas diversidades, quanto mais mapas forem apresentados, acompanhados com determinados temas, melhor será o processo de delimitação do aluno.

A necessidade de dados atualizados se faz de grande precisão no universo geográfico, sendo um ponto necessário para um melhor ensino e aprendizado, principalmente quando se trata de temas e acontecimentos do cotidiano e atualidades. Por isso, torna-se essencial que o livro didático utilizado nas escolas possua os dados com atualizações recentes. A velocidade das mudanças científicas transforma incessantemente o conhecimento (Colletto, 2005).

Ambos os livros apresentam referências bibliográficas nos dados apresentados, o que resulta positivamente em uma confiança para o leitor. Os dois livros também possuem acessos e dados próximos à publicação das obras, possuindo apenas alguns dados antigos para fazer uma análise temporal, sendo assim, não comprometendo a atualização dos demais dados.

A importância dos exercícios individuais presentes no livro didático é fundamental para estimular o aprendizado do aluno, o livro didático sendo uma ferramenta teórica que contribui com o conhecimento do professor, resultará na busca de conhecimentos e questionamentos dos alunos, ou seja, os exercícios possibilita que o discente reflita sobre o que aprendeu na teoria, e incentivar a busca para resolver os questionamentos que surgem durante os exercícios com uma visão própria. Segundo Riegenbach (2007), “a aprendizagem individual pode ser definida também como a capacidade de construir conhecimentos a partir de uma reflexão de caráter individual sobre eventos externos e também por meio da percepção do que será aprendido”.

As atividades individuais propostas pelo livro 1 deixam a desejar, possuindo apenas um exercício individual sobre a região Nordeste, onde o mesmo é elaborado

de acordo com a análise do mapa, não levando questionamento do aluno ou associação com o cotidiano, tornando-se um exercício para decorar, apenas. No entanto, o livro 2 possui um número maior de exercícios individuais, possuindo textos, mapas, tabelas e gráficos, possuindo atividades que desenvolvem argumentos e interpretação de textos, tornando-se possível realizar questionamentos e correlação com o cotidiano da turma.

De acordo com Ross (2004, p. 207), “o aprender tem uma dimensão individual que se processa coletivamente.” Esse processo coletivo gera uma troca de saberes e experiências entre os alunos, resultando em uma divisão tanto de afazeres, como também de organização. Em relação às atividades em grupo, apenas o livro 1 apresenta atividades para serem trabalhadas em grupos, mesmo sendo uma atividade não tão presente na realidade dos alunos, a atividade em si auxilia na troca de experiências e compartilhamento de conhecimentos, contribuindo para organização do que vai ser trabalhado, sendo assim o livro 2 deixa a desejar nesse processo.

Em síntese, contextualizar o ensino é aproximar o conteúdo formal (científico) do conhecimento trazido pelo aluno (não formal), para que o conteúdo escolar se torne interessante e significativo para ele” (Kato; Kawasaki, 2011, p. 39). O professor, juntamente com o livro didático, vai criar uma ponte entre o científico e o cotidiano dos alunos.

O conteúdo sobre a região Nordeste apresentado no livro 1, torna-se distante do cotidiano e realidade dos alunos, sendo a maior parte do assunto voltado para a seca, o Rio São Francisco e mitos relacionados ao folclore local do próprio rio, deixando de fora pontos como clima, vegetação e outras características. O livro 2, como já observado anteriormente, apresenta um maior número de páginas, figuras e mapas, o que torna de forma mais prática trabalhar o conteúdo, outros pontos também são a presença de conteúdos como clima, vegetação, relevo e a diversidade do Nordeste, pontos esses que criam um melhor diálogo entre professor e aluno.

Ambos os livros abordam a seca, assim como também no mesmo contexto apresenta o projeto de integração do Rio São Francisco como uma ação importante para minimizar os efeitos causados pela seca. Porém, o livro 1 resulta um maior destaque falando sobre a seca, ou seja, acaba dando muito foco para essa problemática, contribuindo ainda mais para um perfil errôneo ou incompleto do Nordeste. No entanto, o livro 2 apresenta a mesma problemática, mas com uma forma mais resolutive, sendo que os autores deixam claro que os problemas ocasionados

pela seca são mais de natureza social e política, deixando claro que nem todo sertão é seco. Ambos os livros relatam que a seca presente na região Nordeste até os dias atuais permanece por parte governamental.

Ainda de acordo com o pensamento de Kato e Kawasaki (2011), o professor se torna um ser fundamental no processo de relação entre conteúdo e cotidiano, sendo necessário ir além do livro didático, trazendo informações muitas vezes não presentes no livro, mas que fazem parte de forma positiva no cotidiano dos alunos. A seca faz parte do cotidiano do povo nordestino, é um fator climático, social e político que está presente há muito tempo, fato esse que tem bastante significância no cotidiano social dessa região, por isso se torna urgente a necessidade de trabalhar de forma crítica e analítica tal temática e assim desconstruir o imaginário social formado por décadas.

De acordo com os critérios analisados fica evidente a necessidade de práticas pedagógicas que auxiliem no conteúdo presente no livro didático em relação ao Nordeste, o professor juntamente com os alunos podem praticar uma aprendizagem colaborativa utilizando dados de portais de notícias que complementam o Livro didático. Aprendizagem essa que proporciona atividades entre os alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais e de trabalho em equipe, desenvolvimento crítico, associação com diversidade e crescimento regional.

Avaliando de modo geral o livro 1, deixa a desejar pela quantidade de páginas e, conseqüentemente, nos demais requisitos, contando com apenas seis páginas deixando a desejar em questão de presença de mapas, figuras e imagens, gerando certa dificuldade para o aluno relacionar o assunto com o seu cotidiano. Entre essas seis páginas, duas delas abordam a seca como característica da região Nordeste. No entanto, mesmo com poucas páginas, o livro 1 se destaca na utilização de dados atualizados, atividades individuais e nas atividades em grupo.

Ao analisar o segundo livro, é possível observar que aborda a região Nordeste de forma mais dedicada, ganhando destaque em praticamente todos os critérios, possuindo uma quantidade de páginas maior, com presença forte de mapas, figuras e imagens, dados atualizados, o conteúdo por ter mais páginas torna-se mais acessível a relacionar com o cotidiano do aluno. Em relação à seca, o livro 2 não dá tanto destaque, pois trabalha de forma mais diversificada a região Nordeste. Sendo somente insuficiente em respeito a não possuir propostas de atividades em grupo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução da pesquisa, buscamos compreender como é definido o conceito do imaginário social e sua influência no contexto do Nordeste. Foi realizado a pesquisa de algumas publicações em portais de notícias, buscando eventos que contribuam para uma visão positiva da região Nordeste. Por último, foi efetuada a análise de dois livros didáticos em que é trabalhada a região Nordeste, sendo que, para a realização da análise utilizou-se uma tabela contendo alguns critérios, que foram usados para se obter os resultados da pesquisa.

Ao selecionar algumas notícias que auxiliam na transformação do imaginário social da região, partimos para a análise dos livros, buscando compreender como o Nordeste é abordado. Como critérios para a análise consideramos, quantidade de mapas, quantidade de páginas, avaliação de atividades individuais e em grupos, relação do cotidiano do aluno com o que está nos livros, quantidade de figuras e imagens, atualizações de dados e o destaque da seca.

Em ambos os livros, foi possível observar aspectos tanto positivos como aspectos negativos, todos os critérios utilizados são importantes para contribuir de forma assertiva o uso do livro didático de geografia como ferramenta, porém o número de páginas analisadas influenciou diretamente nos demais critérios.

Os livros didáticos de Geografia analisados estão apropriados para serem utilizados como uma ferramenta de auxílio para trabalhar o conteúdo Nordeste, principalmente o livro 2, no qual se torna muito mais completo e bem trabalhado, auxiliando assim tanto o professor como também os alunos no processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, em ambos os livros se faz necessário que o professor vá além do conteúdo que está incluso no livro didático, principalmente o livro 1, quando for trabalhar a região Nordeste se faz necessário buscar informações e conteúdo que raramente estão presentes nas páginas dos livros. Pontos positivos que contribuam de forma assertiva, mostrando a região Nordeste como ela realmente é, não sendo somente definida por fome e seca, e assim dar início à desconstrução errônea do imaginário social que prevaleceu durante décadas sobre o Nordeste, podendo utilizar notícias da região que contribuam com um melhor ensino, aprendizado e desconstrução do estigma.

De acordo com a análise da pesquisa, propomos o uso de notícias como recurso didático para estimular a discussão sobre a dinâmica do Nordeste. Sugerimos que os professores trabalhem com notícias atualizadas e positivas sobre as regiões. Essa estratégia possibilita um contato prévio com o tema, favorecendo a construção de conhecimentos mais aprofundados e significativos.

Em conclusão, é necessário que os professores de Geografia sejam extremamente atento aos critérios e conteúdo no processo de escolha dos livros didáticos, buscando sempre informações atualizadas, diversas e mais amplas em relação ao contexto atual. Oferecendo uma abordagem de texto que valorize a contribuição histórica, econômica e cultural da região para o país e sempre trabalhando com mapas e gráficos com dados atualizados.

8. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE J. D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALBUQUERQUE J. D. M.. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, T. B. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 11, n. 29, p. 7-36, abr. 1997. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141997000100002>. Acesso em: 25 out. 2024.

BEHRENS, M. **Paradigma da complexidade**: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis: Vozes, 2006.

BERNARDES, D. M. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, [S.L.], n. 71, p. 41-79, 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-64452007000200003>. Acesso em: 25 out. 2024

BICUDO. M. A. V. **Educação Matemática**. 2. ed. São Paulo/SP: Centauro, 2005

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. **Texto consolidado**. Brasília, DF: Senado Federal, 2017. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/legislacao/const/con1988/constituicao.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília, MEC/SEF, 2001, p. 118. (Série Documentos de Educação). Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso em: 8 jan. 2025. Acesso em: 05 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Guia de livros didáticos: PNLD 2018: Geografia: Ensino Fundamental: Anos Finais**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso em: 25 abr. 2025

BRASIL. Ministério do Turismo. **Nordeste é a região favorita para turismo em 2024, diz ministério**. CNN Brasil, 24 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br>. Acesso em: 24 out. 2024.

BRASIL. Região Nordeste já acumula 340 mil novos postos de trabalho gerados em 2023. **Gov.br — Secretaria de Comunicação Social**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/12/regiao-nordeste-ja-acumula-340-mil-novos-postos-de-trabalho-gerados-em-2023>. Acesso em: 24 out. 2024.

BRASIL. Sertão de Pernambuco possui o segundo maior telescópio do país. **Gov.br — Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação**. Disponível em:

<https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/04/sertao-de-pernambuco-possui-segundo-maior-telescopio-do-pais>. Acesso em: 24 out. 2024.

CABRAL, K. S. G. O PROFESSOR E A DIVERSIDADE CULTURAL NO PROEJA. **Vida de Ensino**, [s. l.], p. 56-62, 04 jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/vidadeensino/article/view/437/311>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CALADO, I. **A utilização educativa das imagens**. Porto: Porto Editora, 1994.

CALLAI, H. C. O LIVRO DIDÁTICO NO CONTEXTO DOS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO. **Revista Okara: Geografia em debate**, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 2, p. 273-290, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/okara/article/view/31203/16316>. Acesso em: 28 abr. 2025

CARLINI-COTRIM, B.; ROSEMBERG, F. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 299-305, 1991. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250042637_Os_livros_didaticos_e_o_ensino_para_a_saude_o_caso_das_drogas_psicotropicas. Acesso em: 22 fev. 2025

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia: escola e construção de conhecimentos**. 16. ed. Campinas/SP: Papirus, 2010.

COLLETO, A. **A importância do aperfeiçoamento profissional**. 2015. Colaboração para a Folha Online. Disponível em: <https://www.ibe.edu.br/a-importancia-do-aperfeicoamento-profissional/>. Acesso em: 25 abr. 2025

COSTELLA, R. Z. **Nas entrelinhas do Livro Didático: a voz e a visibilidade do aluno**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

COSTELLA, R. Z. **O livro didático de geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

D'AMBROSIO, U. **Educação matemática: da teoria à prática**. 17.ed. Campinas: Papirus, 2009.

ENEM 2023: Nordeste lidera o ranking das redações nota mil. Metrôpoles.com. Disponível em: <https://www.metropoles.com>. Acesso em: 10 abr. 2024.

FERREIRA, M. B. C.; PEREIRA, M. R. O mal-estar docente na educação infantil. **COLÓQUIO INTERNACIONAL DO LEPSI**, v. 9, 2012.

FERREIRA, N. T.; EIZIRIK, M. F. Imaginário social e educação: revendo a escola. **Em Aberto**, Brasília, v. 61, p. 5-14, 1994. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2246>. Acesso em:

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRISON, M. A. D.; VIANNA, J.; CHAVES, J. M.; BERNARDI, F. N. Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais. **VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências** - Enpec, 2009, p. 13.

GIROUX, H. **Teoria e resistência em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUERRA, F. S. Geografia escolar e o papel do professor no contexto contemporâneo. **Ensino em Perspectivas**, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4530>. Acesso em: 25 abr.2025

GUILLEN, I. 111 - Seca e migração no nordeste: Reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. **Textos para Discussão - TPD, [S. l.]**, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/926>. Acesso em: 26 abr. 2025.

GUIMARÃES, G. T. D. **Aspectos da teoria do cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva, org.; Idília Fernandes et al., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Ed. Hucitec; Edusp, 1978.

IBGE - **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 out. 2024.

KATO, D. S.; KAWASAKI, C. S. As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 17, n. 3, p. 649-667, jul./set. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/zD3FMD88P9qxpdxQMrHRh9w/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2025

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LOVATO, F. L.; MICHELOTTI, A.; SILVA, L. E. L. Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327924688_Metodologias_Ativas_de_Aprendizagem_Uma_Breve_Revisao. Acesso em: 02 mai. 2025

LUCENA, PME. Mudanças climáticas e desenvolvimento sustentável. **Ecossistemas do Nordeste (semiárido)**. Universidade Aberta do Nordeste, p. 324-326, 2011.

MALVEZI, Ro. **Semi-árido – uma visão holística**. Brasília: CONFEA, 2007.

NORDESTE pode ser polo de transição energética, segundo BNB. Metrôpoles, 24 out. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com>. Acesso em: 24 out. 2024.

PEREIRA, R. M. F. A. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009.

PEREZ, C. L. VI. Leituras de mundo/leituras de espaço: um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELI, I.T.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RESENDE, M. S. A Geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de Ensino. **Em aberto**. São Paulo, v.7, n. 37. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2019>. Acesso em: 27 mar. 2024.

RIBEIRO, Wagner Costa. **A ordem ambiental internacional**. São Paulo: Contexto, 2001.

RIGGENBACH, D. **Percepções de empregados de uma organização não-governamental sobre a aprendizagem individual no contexto de trabalho**. 104 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

ROCHA, G. O. R. Uma breve história da formação do(a) professor(da) de Geografia no Brasil. **Terra live**, São Paulo, n. 15, p. 129-144, 2000. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/364>. Acesso em: 04 abr. 2024.

ROSS, P. R. **Conhecimento e aprendizado cooperativo na inclusão**. 23 Ed., p. 203 -224, Editora UFPR, Educar: Curitiba, 2004.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, R. M.A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. **Sociedade e Estado**, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/P7t9S99gxSqYsNbSDVHLc9k/>. Acesso em:

Enem 2023:Nordeste lidera o ranking das redações nota mil. Metrôpoles.com Disponível em: <https://www.metropoles.com>. Acesso em :10 abr. 2024.

Taylor, C. (2002). **Modern social imaginaries**. Public Culture, 14(1), 91-124.

VIOTTO FILHO, I. A. T.; PONCE, R. F.; ALMEIDA, S. H. V. **As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. Psicologia da educação**, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43050>. Acesso em: 09 mai. 2025

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.